

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE

THAÍS DIAS LUZ BORGES SANTOS

VOOS DA ESPERA E DA ESPERANÇA
O BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA E AS ESTRATÉGIAS DE PERMANÊNCIA NO
SERTÃO NORTE-MINEIRO

RIO DE JANEIRO-RJ

2015

Thaís Dias Luz Borges Santos

VOOS DA ESPERA E DA ESPERANÇA

O bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no Sertão Norte-Mineiro

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: *Prof.^a Dr.^a Eli de Fátima Napoleão de Lima*

RIO DE JANEIRO-RJ

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

304.80918151

Santos, Thaís Dias Luz Borges.

S237v

Voos da espera e da esperança: o bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no Sertão Norte-Mineiro/ Thaís Dias Luz Borges Santos, 2015.

T

101 f.

Orientadora: Eli de Fátima Napoleão de Lima

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 95-99.

1. Sertão - Teses. 2. Norte de Minas Gerais - Teses. 3. Rio São Francisco - Teses. 4. Bairro rural - Teses. 5. Migrações - Teses. 6. Bolsa Família - Teses. I. Lima, Eli de Fátima Napoleão de. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

Thaís Dias Luz Borges Santos

VOOS DA ESPERA E DA ESPERANÇA

O bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no Sertão Norte-Mineiro

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Eli de Fátima Napoleão de Lima
CPDA/UFRJ

Prof.^a Dr.^a Susana Cesco
Unipampa

Prof.^a Dr.² Carmen Silvia Andriolli
CPDA/UFRJ

SUPLENTE 1: Prof. Dr. Luis Flávio de Carvalho Costa (CPDA/UFRJ)

SUPLENTE 2: Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva (UFRJ/IUPERJ)

RIO DE JANEIRO-RJ

2015

Ao Rio *São Francisco* e de *Janeiro* dedico
estas palavras carregadas de água,
lágrimas e doces sorrisos.

Aos meus pais-avós, *Luciano e Mariinha*,
todo meu amor, escrita, alegrias e vida.

AGRADECIMENTOS

O sentimento, ao terminar mais essa etapa da minha vida, é, sem dúvidas, o de Gratidão. Muitas são as pessoas/lugares/momentos que tornaram possível a conquista de mais esse título. Espero conseguir expressar toda a minha gratidão nessas linhas, caso não seja possível, desejo que todo esse amor tome forma e chegue até essas pessoas com meus sorrisos, abraços e querer bem.

Agradeço a Deus, pela força espiritual para realização deste trabalho e todas as atividades que me propus a desenvolver ao longo dessa jornada acadêmica.

À minha mãe, Lourdes, pelo cuidado, incentivo e exemplo de dedicação aos estudos, ao meu padrasto, Antonio Carlos, pelo exemplo de persistência.

Aos meus avós e pais de criação e coração, Luciano e Mariinha, não só pelo exemplo de força e bondade para toda a vida, mas também, pelo orgulho e felicidade que demonstram em cada passo meu, pelo apoio, incentivo, compreensão, ajuda, carinho e amor.

Aos meus irmãos, Matheus e Lucianinho pelo cuidado e carinho.

Aos meus tios e tias, mas em especial às minhas tias, Christiane, Luciene, Luciana, Terezinha, Maria, Suely e Sônia por estarem sempre por perto tornando-se também minhas mães de coração.

Aos meus primos e primas de Pirapora, Buritizeiro, Rio de Janeiro, Sete Lagoas e Belo Horizonte, mas especialmente a aqueles que me aturaram com mais frequência ao longo da minha vida e nesses anos de mestrado. Os meus queridos Lucas, Filipe, Andrea Paula, Chiquinho, Marya Victória, Alexandre, Fernanda, Neidinho, Rafaela, Nayana e Juninho.

À minha orientadora, Eli Lima, pelo ensinamento e apoio nesses dois anos nada fáceis e, especialmente, pela paciência em lidar com todos os meus momentos. A você minha eterna gratidão e afeto.

Aos professores do CPDA pelo ensinamento e incentivo: Sérgio Leite, Andrey Ferreira, Débora Lerrer, Roberto Moreira, e, em especial Fátima Portilho, Luis Flávio, Regina Bruno e Susana Cesco pelo carinho.

Ao Pablo Guilherme por tanto amor, querer bem e por fonte de inspiração e porto seguro.

Aos meus amigos de curso e da vida, ao Bonde do CPDA (Taiana Martins, Raphaella Santos, Carina Machado, Janille Campos, Luciane Ferrareto, Luciana Muniz, Luiza Muccilo, Isis Leite, Hellen Barcelos, Leda Agnes, Thais Valvano, Bianca Naime). Em especial a Renata Milanês, que ao longo desses dois anos permaneceu ao meu lado rindo, chorando, socorrendo, sendo cúmplices e mais que amigas.

À Carmen Andriolli, companheira de todos os momentos, e Sabrina Travençolo, Artur Derksen e José Manoel: obrigada por me ensinar o verdadeiro valor da partilha, convivência e por tanto carinho no meu dia-a-dia carioca.

Aos meus preferidocas sertanejos, companheiros de luta e vida: Ana Flávia Rodrigues, Camila Braga, Suellen Santana, Kamilya Campos, Mauro Toledo, Felipe Teixeira, Bárbara Veloso, Deyvisson Felipe, Pedro Lula, Izadora Acypreste, Dária Martins, Dayana Martins, Renan Duarte, Adinei Almeida, Priscila Rayane, Juliana Oliveira e em especial a Sérgio Gomes pela força, incentivo, companheirismo, amor, e mergulhos no Rio São Francisco. Gratidão! Com vocês aprendi o verdadeiro valor do amor, doação, amizade, cumplicidade! É com vocês que quero seguir compartilhando todos esses nossos sonhos de sermos profissionais humanos e hermanos.

Ao Grupo de Pesquisa e Estudos Opará, em especial à Andrea Narciso, professora, amiga, mãe, irmã e conselheira que sempre acreditou em meu potencial e me fez ver/viver outras margens nessa vida; e a Carlos Rodrigues Brandão pelo acolhimento e pelos alegres e afetuosos momentos de pesquisa, e-mails e confraternizações.

Aos funcionários do CPDA/UFRRJ, ao Luiz, Diana, Marcos, Teresa, Janete e Silvinha pela atenção e alegrias de sempre.

Às comunidades Sertanejas da Beira do Rio São Francisco, pelo acolhimento enquanto pesquisadora e ensinamento enquanto ser humano. Muito obrigada.

Enfim, a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para o meu crescimento.

“Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe? Tem seus motivos. Agora – digo por mim – o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes demudaram. Quase que, de legítimo leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada”.
João Guimarães Rosa, in: Grande Sertão: Veredas.

RESUMO

LUZ, Thaís. **Voos da espera e da esperança: o bairro Sagrada Família e as estratégias de permanência no Sertão Norte-Mineiro**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação de mestrado visa contribuir para o conhecimento relacionado ao modo de vida no Sertão do Norte de Minas Gerais banhado pelo Rio São Francisco. Trata especificamente desse lugar a que denominamos Sertão, suas características econômicas, sociais e culturais, bem como as estratégias de permanência e reprodução social de seus moradores nesse lugar-sertão, apesar das dificuldades de reprodução de seu modo de vida. Aborda, igualmente, a questão da relevância dos programas sociais nesse processo, notadamente, o Programa Bolsa Família. Recorre a elementos de análise da literatura de João Guimarães Rosa relacionado a esse Sertão do Rio São Francisco e o caso do Bairro Rural Sagrada Família vem à tona para exemplificar quais as estratégias de permanência, as questões econômicas, os vínculos culturais com o lugar, bem como as formas de reconhecimento social dos indivíduos em seu grupo.

PALAVRAS CHAVE: Sertão; Norte de Minas Gerais; Rio São Francisco; Bairro rural; Migrações, Bolsa Família.

ABSTRACT

LUZ, Thais. **Flights wait and hope: the Sagrada Família neighborhood and stay strategies in Sertão of Northern Minas Gerais**. Dissertation (Master of Social Sciences in Development, Agriculture and Society). Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This dissertation wants to contribute with the knowledge related to the way of life in the Sertão of Northern Minas Gerais, bathed by the São Francisco River. It specifically this place we call Sertão, their economic and social characteristics, as well as the strategies of its residents to stay at this place despite the difficulties of playing their way of life. Addresses also the question of the relevance of social programs in this process, notably the Family Grant Program. Uses elements of analysis of João Guimarães Rosa literature related to this Sertão of Rio São Francisco and the case of the Rural Sagrada Família Subdivision comes up to exemplify what permanence strategies, economic, cultural ties with the place and as forms of social recognition of the individuals in your group.

KEYWORDS: Sertão; North of Minas Gerais; São Francisco river; Rural neighborhood; Migration, Bolsa Família.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FOTO 1 -	Aves voando, mudando de lugar, Sertão do São Francisco/MG.	17
FOTO 2 -	Casa de João de Barro no Sertão do São Francisco/MG.	30
FOTO 3 -	Bairro Sagrada Família no Sertão do São Francisco/MG.	42
FOTO 4 -	Crianças na beira do Rio São Francisco em São Francisco-MG.	57
FOTO 5 -	Residência no bairro Sagrada Família.	64
FOTO 6 -	Moradores do Sagrada Família.	68
FOTO 7 -	Trabalho na lavoura de batata na empresa ADF em Cristalina-GO.	75
FOTO 8 -	Sr. Pedro Verde na varanda da sua casa e seu instrumento de trabalho com a pesca.	81
FOTO 9 -	Família de Izilda moradora do Bairro Sagrada Família.	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Indicadores de beneficiários do Programa Bolsa Família de Minas Gerais e de São Francisco-MG	87
Tabela 2 - Calendário do plantio e colheita de alho e batata.	90

LISTA DE MAPAS

- Mapa 1 - Mapa dos municípios ribeirinhos do Rio São Francisco no norte de Minas Gerais. 31

LISTA DE SIGLAS

Associação Atlética do Banco do Brasil - AABB

Centro de Referência de Assistência Social - CRAS

Complexos Agroindustriais - CAIs

Conselho de Desenvolvimento do Nordeste - CODENO

Estratégia de Saúde da Família - ESF

Indústrias Alimentícias Itacolomy - ITASA

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome - MDS

Programa Bolsa Família - PBF

Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados - PRODECER

Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados - PCI

Programa de Desenvolvimento dos Cerrados - POLOCENTRO

Programa de Financiamento de Equipamentos de Irrigação - PROFIR

Sistema Nacional do Crédito Rural - SNCR

Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 - SERTÃO: NORTE DE MINAS GERAIS	30
1.1 MUDANÇAS ECONÔMICAS NO NORTE DE MINAS GERAIS	32
1.2 O SERTÃO	42
1.3 O SERTANEJO E O RIO SÃO FRANCISCO	57
CAPÍTULO 2- PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIDA NO SERTÃO: O BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	64
2.1 SÃO FRANCISCO-MG: O BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	68
2.2 TRABALHO E MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA	75
2.3 O GRANDE SERTÃO E AS ESTRATÉGIAS PARA/DE PERMANÊNCIA	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
ANEXO 1 - CROQUI DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA	101

INTRODUÇÃO

Sertão. O lugar era bonito. O céu subia mais ostentoso, mais avistado do que na Mata do Oeste, azuloso com uns azinhavres, ali o céu parecia mesmo o Céu, de Deus, dos Anjos.¹



FOTO 1 - Aves voando, mudando de lugar, Sertão do São Francisco/MG.
FONTE: Acervo Grupo de estudos e Pesquisas sobre comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais - Opará. Norte de Minas Gerais, julho de 2011. 1 fotografia, color. Foto apresentada ao projeto Etno-cartografias do Rio São Francisco.

Este trabalho estrutura-se como pesquisa de dissertação de mestrado visando contribuir para o conhecimento do modo de vida no Sertão do Norte de Minas Gerais, banhado pelo Rio São Francisco, tratando especificamente dos moradores do Bairro Rural Sagrada Família, localizado no município de São Francisco-MG.

¹ (ROSA, 1964, p. 130).

Inferimos que o espaço sobre o qual aqui se reflete é privilegiado no que tange a análise das estratégias de permanência dos sertanejos no seu local de origem. Estratégias elaboradas frente às mudanças econômicas e sociais pós-1950, derivadas de incentivos do Governo na instalação de Complexos Agroindustriais, e também frente ao impacto do pacote de políticas públicas implementadas pós-2002, quando o governo federal criou e implementou programas sociais de transferência de renda para populações de baixa renda. Este imbricamento político e social levou-nos a aprofundar questões relativas à resistência sertaneja e às migrações temporárias do Sertão, a partir das vivências dos ribeirinhos, seus símbolos, discursos e práticas sociais que se consolidam na memória e nas representações sociais. Tomam-se como pontos nodais, justamente, o território, o lugar, e a memória, conceitos que são, especialmente nas Ciências Sociais e nas Humanidades, instrumentos de grande valia para o tipo de análise que estamos propondo.

Compreendida no âmbito da linha de pesquisa *Estudo de cultura e mundo rural*, esta pesquisa dá atenção às trajetórias de vida das pessoas da comunidade Sagrada Família, sujeitos desta pesquisa. Adota-se uma perspectiva diacrônica das transformações que contribuíram (ou pressionaram) com a construção do modo de vida existente hoje no lugar, em conformidade com o que apontam Gupta e Ferguson “*Precisamos nos perguntar como tratar a diferença cultural ao mesmo tempo em que abandonamos os clichês sobre cultura*” (Gupta e Ferguson 2000, pag. 33). Nesse sentido, procuro levar em consideração as ações políticas e econômicas que ao longo do tempo influenciaram as interações das pessoas com seu território e a construção dos sinais diacríticos de sua cultura. Ratifico a prerrogativa destes autores que afirmam que “*Diferença cultural é um produto de processos histórico compartilhado que diferencia o mundo ao mesmo tempo em que o conecta*”. (Gupta e Ferguson 2000, pag. 43)

Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi estudar, a partir dos processos socioculturais e políticos que se desenvolvem no Bairro Sagrada Família, o impacto do programa federal de transferência de renda, Bolsa Família, na vida dos moradores, bem como as possíveis transformações do modo de vida, dos sonhos dos sertanejos, e dos sentimentos de quem parte, de quem chega e de quem fica, visibilizando, assim as diferenças, na perspectiva de quem migra, entre o lugar de origem e de destino. Para tanto se faz necessário entender também não só as motivações daqueles que partem, mas as interferências destas partidas nas vidas dos que ficam. Por conseguinte, dá-se a avaliação do Programa Bolsa Família no sentido de compreender se ele auxilia ou não a permanência dessas pessoas no município de São Francisco-MG. recorre-se à tradicionalidade como ponto de partida para a construção de uma interpretação dos processos sociais de trabalho, seus efeitos no grupo social e familiar, levando-se em conta os efeitos produzidos pela sociedade regional e nacional englobante.

Nossa contribuição para o campo das Ciências Sociais é abordar o modo de vida em São Francisco-MG de forma holística² e descrever as estratégias de permanência de seus moradores. Os trabalhos existentes sobre a região dão indícios sobre esse movimento, mas sentíamos necessidade de realizar um estudo que se debruçasse sobre as estratégias de permanência e reprodução de vida criadas por essas pessoas. e conhecer como elas mesmas se identificam como sertanejas. Buscando ainda entender qual é o papel e a influência das políticas públicas de transferência de renda, do poder local, do trabalho, da migração temporária no Sertão, dentro deste contexto.

O meu envolvimento com as comunidades das beiras do Rio São Francisco é diretamente relacionado com as minhas vivências antes e durante o

² No sentido de que: para conhecer esse modo de vida é preciso vê-lo como um todo formado por pequenos fenômenos, por várias nuances.

curso de Bacharel em Ciências Sociais. A escolha do lócus proposto para essa pesquisa, todavia, iniciou-se com minha entrada no *Opará*³ – *Grupo de estudos e pesquisas sobre comunidades tradicionais no Rio São Francisco*. Desde a pesquisa de iniciação científica e pesquisa de monografia o Rio São Francisco e os barranqueiros despertaram em mim grande encantamento.

Nessa trajetória de fluxos, o Rio São Francisco, de fato, tomou conta de mim durante uma viagem de barca, chamada *Expedição Sertão Molhado*⁴, que aconteceu em Julho de 2011 na qual uma equipe de pesquisadores do Grupo Opará navegou e pesquisou no Rio São Francisco, no trecho entre Pirapora-MG e a comunidade Pau-Preto, depois do município de Manga-MG, divisa do estado de Minas Gerais com o estado da Bahia. Todos os lugares pelos quais passamos (alguns conhecidos, outros não), suas gentes, manifestações culturais, ruas, o rio e as praças, foram tomando conta de mim e despertando o desejo, a busca de tomar esse lugar, Sertão Molhado, como *lócus* e sujeito das pesquisas que viria a desenvolver.

Como resultado dessas vivências de pesquisas anteriores, defendo que o Sertão do norte de Minas Gerais, com suas comunidades à beira do Rio São Francisco, é um espaço privilegiado para o conhecimento da cultura dos povos tradicionais do Brasil. Estes sertanejos com suas estratégias de permanência em seu lugar de origem, reproduzem sua cultura e produzem sua vida encarando, cotidianamente as mudanças decorrentes do “*desenvolvimento econômico regional*”, muitas vezes enfrentam conflitos na luta pela terra e alterações nos modos de vida dos lugares.

³Grupo do CNPq. CEPEX 096/2011. UNIMONTES.

⁴Expedição do projeto de pesquisa Etno-cartografias do Rio São Francisco: modos culturais de vida cotidiana, culturas locais e patrimônios culturais em/de comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais. Projeto desenvolvido em 2009-2011 e continuado via Projeto *Beira Vida, Beira Rio: CULTURA, CULTURA POPULAR E PATRIMÔNIO CULTURAL NO ALTO MÉDIO SÃO FRANCISCO* 2011-2013.

Considero o Sagrada Família como um bairro rural por ser um lugar coeso, que comporta unidades familiares semelhantes entre si, onde as relações sociais são cotidianamente ratificadas tendo como fundamento/base costumes e modos de vida compartilhados, o que pode ser exemplificado pela realização de mutirões para a construção de casas e pela organização coletiva dos festejos do mês de Junho. Em Junho a comunidade Sagrada Família se reúne para organizar novenas e fogueiras no dia de Santo Antônio e São João, comemorados respectivamente nos dias 13 e 24 de acordo com o calendário da Igreja Católica, a Igreja leva o mesmo nome da comunidade: Igreja Sagrada Família. O compartilhamento do trabalho e da religião torna possível a coesão da comunidade.

Minha pesquisa é perpassada pela mobilidade espacial, vivência complexa que faz parte da história da humanidade, o enfoque utilizado aqui é o de que existe na migração daqueles que são expulsos do seu lugar uma força maior que eles mesmos, uma força que transforma a práxis humana tendo como pano de fundo a ideologia de uma *“sociedade urbana, mundializada, tecnificada e ilusoriamente promissora”*⁵. O Brasil como um todo é palco dessa mobilidade espacial na qual os indivíduos se propõem a realizar a procura de uma vaga no mercado de trabalho, os caminhos não são medidos em Km mas em relação à *“disponibilidade de trabalhos precários que exigem pouca qualificação, independentemente se perto ou longe dos municípios”*.⁶

Neste sentido a migração temporária constitui uma busca pela melhoria de vida, o que significa dizer que o trabalho também se torna temporário, caracterizado pelo mundo da rua; enquanto a vida em família e as raízes culturais permanentes são caracterizadas pelo mundo da casa. Paradoxalmente o indivíduo vai para o mundo da rua em busca de melhorias para o mundo da

⁵ As migrações campo-cidade: os diferentes enfoques interpretativos – Carlos Rodrigues Brandão & Andrea Maria Narciso Rocha de Paula.

⁶ Ibidem

casa, mas de maneira alguma se esquece de suas origens. Os sertanejos, assim, buscam oportunidades e qualidade de vida, daí a manutenção de um fluxo migratório, todavia, esse ato de estar em trânsito constate não faz com que percam suas referências e suas raízes, é no mundo da casa que eles se encontram.

As migrações temporárias, sobre as quais disserto, são resultado do processo de desigualdade social que assola o país, diante disto não são poucos os trabalhos que se tem detido em avaliar as condições de produção e reprodução de vida no Norte de Minas Gerais, região na qual tais migrações são recorrentes. Batista (2009)⁷ apresenta uma etnografia das condições de vida e mobilidade espacial dos moradores da comunidade rural Santana no município de São Francisco-MG. Este trabalho provoca a necessidade de reflexões que se debrucem sobre os aspectos da vida dos sertanejos relacionados às decisões que tomam frente às dificuldades de manter suas casas e famílias, sugere, entre outras coisas, associações do tema com a política de transferência de renda desenvolvido pelo governo Brasileiro (Programa Bolsa Família - PBF⁸) enquanto estratégia de manutenção da casa dessas pessoas. Apesar de o acesso a este texto ter acontecido durante minha pesquisa, é proeminente o diálogo entre as provocações deste autor e meus resultados.

Outros exemplos que também tratam de dinâmicas migratórias no norte de Minas Gerais são os trabalhos de Gildete Soares Fonseca e de Andrea Maria Narciso Rocha de Paula⁹. A primeira autora realizou uma pesquisa no

⁷ Elicardo Heber de Almeida Batista.

⁸ O Programa Bolsa Família (PBF) é um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País gerido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

⁹ PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: "A Esperança de Melhoria de Vida". 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003.

município de Mirabela analisando dados quantitativos de órgãos do governo federal, a segunda traz à tona uma modalidade de migração chamada de temporária no Norte de Minas, da qual me aproprio em meu texto. Segundo Paula(2009) após o ano de 1950 o Norte de Minas Gerais sofreu uma série de mudanças econômicas e sociais, que fez com que houvesse um grande índice de êxodo rural. Após esse *boom*, as taxas de movimento ficaram relativamente estáveis e os moradores do meio rural que buscam sustentar o seu modo de vida passaram, então, a migrar temporariamente para o trabalho em grandes centros. Os trabalhos de Paula se debruçam sobre o município de Montes Claros-MG e Ibiaí-MG pensando, desta maneira, os dois momentos da vida dessas pessoas: aqueles que estão no grande centro a procura de trabalho (Montes Claros) lidando com incertezas e sonhos, e aqueles que estão em casa, na sua comunidade rural, retornando do trabalho e trazendo tudo que arrecadaram durante alguns meses no grande centro.

Estes trabalhos foram muito importantes para a construção de meu texto que teci a partir das narrativas, das histórias de vida e das descrições do modo de vida feitas pelos próprios sujeitos pesquisados. Obviamente, outras colaborações também se tornaram importantes por fazerem referência ao aspecto geral do tema aqui proposto. Zanoni Neves (1998) traz em seus textos a importância e a influência dos remeiros, de seu trabalho, sua posição social e as suas referências na literatura regional. O autor faz um resgate da época em que as barcas e canoas no Rio São Francisco eram o principal meio de transporte da região , não as estradas, como hoje. Além disso, reflete sobre como eram as redes sociais criadas e estabelecidas desde aqueles tempos. Fernando Afonso Ferreira Junior (2009), por sua vez, aborda o processo de formação do estado

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. Travessias - movimentos migratórios em comunidades rurais no sertão do norte de Minas Gerais. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

nacional no sertão do Norte de Minas Gerais, valendo-se, assim como eu, dos escritos de João Guimarães Rosa. Auricharme Cardoso de Moura (2012) realiza uma abordagem do desenvolvimento social do terceiro setor em São Francisco-MG, enquanto Anette Coeli Neves Maynard (2009) aborda os aspectos culturais deste município, suas tradições e possibilidades de manutenção. Como se vê, todos esses trabalhos também são importantes para compor minha base de entendimento sobre o tema proposto.

Uma vez apresentados alguns de meus interlocutores bibliográficos passo, então, à discussão sobre a trajetória migratória dos sertanejos Norte-Mineiros que, como se vê, é perpassada por fluxos e rotas que tem se estabelecido ao longo do tempo.

(...) há intensa mobilidade espacial dos sujeitos, com uma circularidade marcada por constantes saídas e retornos. Errâncias e travessias entre idas e retornos. No entanto, apesar da intensa circularidade de pessoas, há indivíduos que sempre residiram nas fronteiras da comunidade. Há permanência de pessoas no meio rural, por não terem em sua trajetória uma oportunidade de sair, mas há uma contra mobilidade, decorrente da permanência no lugar motivada em grande parte pela melhoria nas condições de vida das famílias com a incidência de um *mix* de políticas públicas, sobretudo o Minas sem Fome e o programa do Governo Federal —Luz para Todos, que favorecem o acesso de famílias rurais a água encanada e energia elétrica, respectivamente. (BATISTA, 2009, p.109)

A migração temporária é apresentada aqui a partir da expressão dada pelos próprios entrevistados, como demonstraremos no discorrer do trabalho, é parte do modo e meio de vida dessas pessoas com quem estamos tratando. Na cosmologia desse grupo social, vê-se que o processo de migração temporária é visto como uma forma de reprodução social, uma estratégia de manutenção de território (seus lugares-sertão, a beira do Rio São Francisco, o Norte de Minas Gerais- mundo) na medida em que em que, no município de São Francisco, eles não acessam outros meios de trabalho que os inclua (o grupo social).

A hipótese geral deste trabalho é a de que os moradores do lugar utilizam os programas sociais do governo, destacando-se o Programa Bolsa Família (PBF), seja para complementar sua renda enquanto beneficiários, seja para atuar como mecanismo de manutenção e permanência no território. Os moradores entrevistados citam diretamente a importância do Programa Bolsa Família no sustento de suas casas, por esse motivo, meu trabalho valoriza as estratégias de permanência de um povo em seu local de origem, ao passo que associa os programas federais de transferência de renda ao processo de manutenção da vida familiar no local.

De acordo com os dados disponibilizados pela base do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) o PBF atinge quase metade da população de São Francisco-MG. As políticas públicas são compensatórias, contudo, ao mesmo tempo funcionam como um mecanismo de auxílio à permanência das famílias no município. Muitas mulheres migravam com seus companheiros e agora ficam nas casas para manterem os filhos na escola e assim terem direito aos benefícios do programa de transferência de renda, enquanto isso, seus maridos *seguem o trecho*¹⁰ na procura de trabalho para complementar a renda e melhorar a casa.

O município não incorpora todos os homens e mulheres com idade ativa para o trabalho no setor de serviços, na agropecuária ou na indústria pelo excesso de contingente. Essa evidência é constatada nos estudos de Batista (2010) que afirma que o setor de serviços em São Francisco contribui com mais de 70% do Produto Interno Bruto do Município e representa expressiva prestação de serviços na administração pública, nas esferas municipal, estadual e federal. Porém, para os moradores do bairro rural as possibilidades são mínimas, seja pela falta de qualificação, pelo fato de que o setor industrial é

¹⁰ *Seguir o trecho* é como as pessoas da região se referem ao ato de sair do município e ir em direção a outros lugares para trabalhar e garantir renda para sustentar sua família.

quase inexistente, ou porque o setor agropecuário é conflituoso, uma vez que concentra áreas grandes de terra na mão de poucos. O comércio local se caracteriza como negócio familiar e gira em torno de famílias que privilegiam os seus membros para trabalhar nos negócios. Com os conflitos fundiários¹¹, a maioria das pessoas se vê *encurralada* em pequenos espaços, nos quais, na maioria das vezes, não há a possibilidade de realizar o plantio de alimentos para a alimentação da família.

Uma segunda hipótese é a de que a migração temporária para lavouras em outros estados seja outra das estratégias de manutenção e permanência do/no território tradicional, uma vez que os chefes de família e jovens saem do município para trabalhar em grandes monoculturas de alho e batata no estado de Goiás, ficam de 15 a 90 dias na lavoura e retornam para casa com a renda adquirida no trabalho. Entre o ir e vir da cidade para o campo e do campo para cidade, os migrantes procuram estratégias para se firmarem em seu lugar de origem, afirmando a tradicionalidade de sua cultura, seus laços de sociabilidade, suas relações de parentesco e compadrio, assim como seu forte sentimento de pertencimento ao sertão e ao Rio São Francisco. Neste contexto nasce o título desse trabalho, falo em voos, buscando a analogia com os pássaros que migram de acordo com as estações do ano.

A metodologia utilizada para construção da pesquisa levou em consideração a subjetividade da experiência do trabalho de campo para o entendimento da vivência, dos modos de vida e das relações sociais desse grupo social do bairro rural. Essas relações sociais é que dá corpo ao desenvolvimento da pesquisa. A percepção do sujeito de pesquisa teve como ponto de referência situações do cotidiano, observações dos espaços e lugares,

¹¹ No sentido de existirem disputas acirradas pela posse de terra, tema que por sua complexidade e abrangência não será tratado nessa dissertação.

do ir e vir das pessoas e suas falas. A experiência do campo, dessa forma, se constitui¹² por meio das falas e atos das pessoas que fazem o viver no bairro.

Entrevistas semi-estruturadas foram sistematizadas, analisadas e posteriormente relacionadas com o referencial teórico escolhido. Além da realização de levantamento bibliográfico local, regional e nacional (tais como teses e dissertações), elaboramos o roteiro de trabalho de campo na tentativa de compreender o contexto sócio-histórico e político do lugar. Foi privilegiada a análise de fontes primárias e secundárias tais como: o jornal local “*O Barranquero*”; relatórios produzidos pela equipe de vigilância sanitária e agentes de saúde sobre a disposição das casas e transitoriedade dos moradores; além de relatos de viajantes estrangeiros que visitaram a região, especialmente três expedicionários do século XIX: 1) O engenheiro francês Emmanuel Liais que em 1858 analisou, a mando de Dom Pedro II, as possibilidades de navegação da nascente do Rio São Francisco até as corredeiras de Pirapora; 2) o engenheiro alemão Henrique Guilherme Fernando Halfed que criou o primeiro atlas do Rio São Francisco em 1860 a partir de uma viagem de Pirapora até a foz no oceano atlântico; e 3) o viajante inglês Richard Burton que à partir da sua experiência, em uma expedição pela descoberta das nascentes do Rio Nilo, vem para o Brasil e realiza em 1867 uma expedição pelo Rio das Velhas e Rio São Francisco. Substancialmente dialogo com parte da obra escritor João Guimarães Rosa, suas análises, interpretações e apropriações que representam a região são incorporadas a este trabalho no sentido de representar o Sertão Norte-Mineiro, elegemos para tanto Grande Sertão: Veredas, Campo Geral e Buriti.

¹² Esclarecimento necessário: Não entendo as diversas falas dos entrevistados como a “fala verdadeira”, mas, as considero no sentido de que as pessoas falam por si mesmas, como proposto por Alessandro Portelli (“O que faz a história oral diferente”, 1997). Enfatizo, igualmente, que não trabalhei com toda a complexidade de que se reveste a História Oral. Em momento oportuno, mais adiante, tratarei com maior acuidade esta questão, ou seja, de que tipo de apropriação lanço mão para o argumento proposto.

Dois capítulos foram desenvolvidos para consubstanciar as hipóteses referidas. No primeiro capítulo, chamado “*Sertão: Norte de Minas Gerais*”, é abordado, de forma geral, o processo de formação sócio-histórica do Norte de Minas e as mudanças econômicas que se iniciam a partir de 1950 e compõe esse cenário que chamamos de Grande Sertão. Busco nesta parte do texto caracterizá-lo, delimitá-lo, conceituá-lo: o que é sertão, porque falamos em sertão na beira do Rio São Francisco e qual a sua relação com a narrativa do romancista João Guimarães Rosa. Além disso, associo neste capítulo as mudanças socioeconômicas da região ao surgimento dos fluxos migratórios e a frequência da migração temporária. Minha intenção aqui é tornar claro que região é essa delimitada como Norte do Estado de Minas Gerais, não só do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista social e cultural¹³. Para tanto, utilizei trabalhos que tratam do desenvolvimento regional, além da obra de Guimarães Rosa e seus críticos, no intuito de reforçar o momento em que “sertão” torna-se uma categoria e diferenciar meu lócus de pesquisa do sertão da seca. Vale destacar que a obra de Rosa é importante para as pessoas do lugar por trazer consigo as representações da região, não só do bioma cerrado, mas do território enquanto sertão. O sentimento de pertencimento ao lugar, os movimentos, deslocamentos e errâncias também são aspectos presentes nas obras do autor que interessam na construção dessa dissertação. Tais aspectos são constantemente re-significados e apropriados pela identidade local.

No segundo capítulo, “*Produção e reprodução da vida no Sertão: O Bairro Sagrada Família*”, o município de São Francisco é esquadrihado com o seu processo de formação sócio-histórica dando maior ênfase para o Bairro Rural Sagrada Família. Trazemos à tona o que são e quais são as ações e programas

¹³ Ver: COSTA, João Batista de Almeida. *Mineiros e Baianos: Englobamento, Exclusão e Resistência*, (Doutorado em Antropologia). Universidade de Brasília - UNB, Brasil, 2003.

sociais de transferência de renda que impactam e agem sobre o município. São apresentados os dados empíricos levantados, os moradores, a luta pela garantia da agricultura familiar¹⁴, e como os fluxos migratórios se organizam no município. É demonstrado como se dá o sentimento de pertencimento ao lugar e como as famílias se organizam na ausência dos chefes de família¹⁵. Busca demonstrar que o pacote de políticas públicas de transferência de renda - em especial o PBF - tem ajudado na permanência dessas famílias que estão à margem da sociedade local, enfrentando disputa pela terra e falta de incorporação da sua mão de obra no município, enfatizando-se que ali a migração acontece com um perfil diferenciado que é de pessoas que mantêm casa e família no lugar de origem e saem em busca de trabalho para garantir a sobrevivência e sua permanência na localidade de origem, como já anunciado.

¹⁴ É importante frisar o que entendemos por agricultura familiar, atividade ali praticada: Sistema de produção agrário que objetiva a manutenção do agricultor e de sua família, que se caracteriza pelo uso de recursos técnicos simples, de instrumentos agrários como enxada, foice e arado. Raramente o agricultor tem acesso ao uso de tratores ou outro tipo de maquinário, sua produção é baixa se comparada às grandes propriedades rurais mecanizadas. Em geral, este sistema ocorre em pequenas unidades rurais, no mais das vezes, a produção se baseia no cultivo de hortaliças, arroz, feijão, mandioca e milho. Se há sobra de parte dessa produção, ela é vendida ou trocada por produtos que não são produzidos em tais propriedades.

CAPÍTULO 1 - SERTÃO: NORTE DE MINAS GERAIS

Quase todo mundo tinha medo do sertão; sem saberem nem o que o sertão é. Sertanejos sabidos sábios. Mas o povo dali era duro, por demais.¹⁶



FOTO 2 – Casa de João de Barro no Sertão do São Francisco/MG.

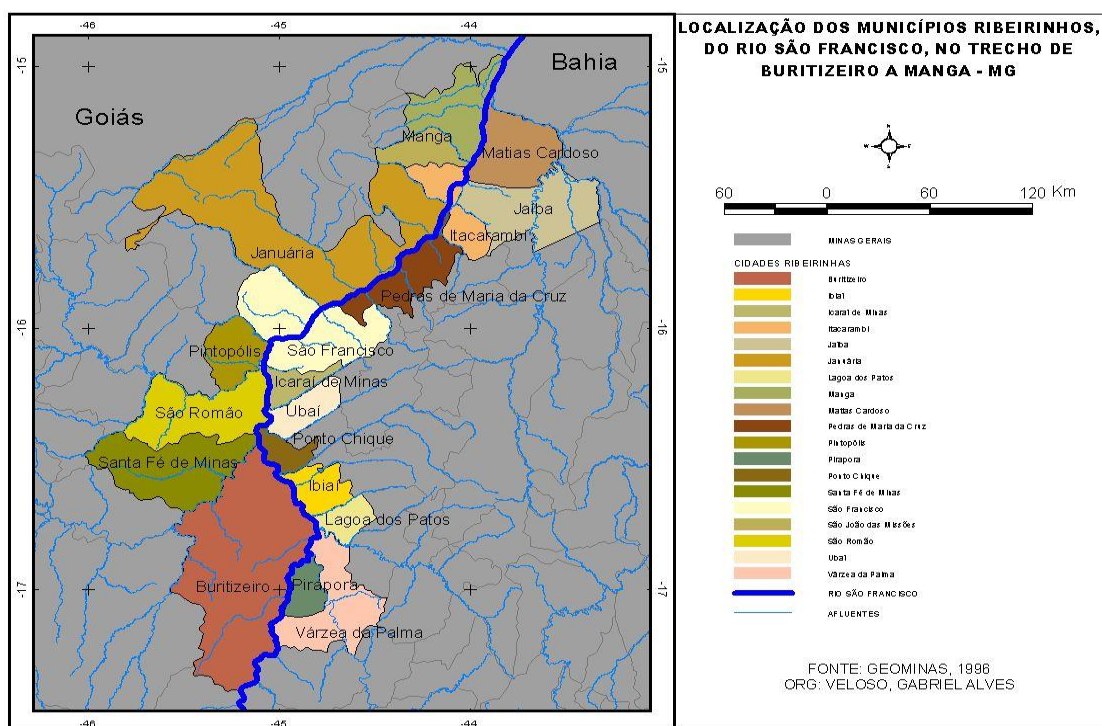
FONTE: ARAÚJO, Elisa Cotta de. Norte de Minas Gerais, 24 de julho de 2011. 1 fotografia, color. Foto apresentada ao projeto Etno-cartografias do Rio São Francisco.

O Norte de Minas Gerais possui oitenta e nove municípios de áreas e densidades populacionais variáveis. Esta variedade comporta, por exemplo, municípios com menos de vinte mil habitantes, enquanto outros passam dos quatrocentos mil. De outra maneira, há municípios com população rural superior à população urbana e vice-versa. De acordo com dados do IBGE, no Norte de Minas 52,80% da população dos municípios permanece no meio rural

¹⁶ (ROSA, 1964, p. 190).

e vive da agricultura tradicional¹⁷. Este sertão nordestino também é conhecido como Região Mineira do Nordeste.

O mapa abaixo nos permite visualizar a região do norte de Minas Gerais, onde realizo o presente estudo, destacando os municípios que compreendem a região mineira do Alto-Médio São Francisco.



MAPA 1 - Mapa dos municípios ribeirinhos do Rio São Francisco no norte de Minas Gerais. FONTE: VELOSO, Gabriel Alves. Localização dos municípios ribeirinhos, do Rio São Francisco, no trecho de Buritizeiro a Manga-MG. Fonte: Geominas, 1996. Minas Gerais: 2010. 1 mapa, color. Escalas Variadas.

Sobre esta grande região Paula (2003) afirma, a partir de dados da Fundação João Pinheiro, que é composta por três regiões distintas: a) a Bacia do São Francisco, que engloba sete unidades da federação¹⁸; b) o Vale do São

¹⁸ As sete unidades da Federação são: Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal, Pernambuco, Goiás, Alagoas, Sergipe.

Francisco, abrangendo parte da região Nordeste, uma parte do Polígono das Secas e uma parte da região Sudeste; c) o Semiárido Brasileiro, que compreende o Polígono das Secas. Segundo a autora, a formação do Norte de Minas se deve “*á expansão da pecuária bovina e a disponibilidade de terras livres*” (p. 03).

Inúmeras foram as mudanças econômicas que aconteceram no Sertão do Norte de Minas Gerais a partir da segunda metade do século XX. Essas mudanças explicitadas em nível regional, só foram possíveis a partir de um movimento engendrado nacionalmente que visava mudanças na base técnica da produção agrícola.

1.1 MUDANÇAS ECONÔMICAS NO NORTE DE MINAS GERAIS

Na época da mineração, durante o séc. XVIII, o Norte de Minas Gerais era fornecedor de alimentos para a região das Minas. Mas, somente com a ferrovia instalada em seus territórios no séc. XX, que a região teve contato com o Brasil em geral e povoou terras novas. Para que possamos trazer à tona as atuais estratégias de permanência de povos do/no Norte de Minas é necessário uma reconstrução das mudanças sociais e econômicas que aconteceram no Brasil nos últimos 60 anos (ou mais além) atingindo diretamente a região a estudada.

Na maioria dos casos, a migração, entendida aqui como os deslocamentos realizados por indivíduos que saem do seu lugar de origem temporariamente ou não, partindo geralmente em busca de trabalho que possibilite uma situação econômica diferente daquela que tem no seu lugar, é a alternativa a essas mudanças.

Ao longo da história do Brasil foi se consolidando uma estrutura fundiária altamente concentradora. As capitânicas hereditárias, as sesmarias, o fim da escravidão e as leis de terras de 1850, incentivaram uma distribuição desigual da terra. Grandes extensões de terra foram entregues a poucos proprietários. “O cativo humano termina, começa o cativo da terra”.(FERNANDES, 2001:2). Desde o século

XVI os camponeses resistem contra a expropriação produzida pelo capitalismo. Fernandes (2001) chama a atenção para entender que a migração funcionava como forma de sobrevivência e resistência aos enfrentamentos que geraram mortes e massacres. (PAULA, 2003, p.26)

Segundo PAULA (2003), é no pós década de 1960, com influência da Revolução Verde, que os ciclos econômicos dão lugar à modernização agrícola, mantendo a concentração de terras e continuando a fomentar a migração campo-cidade. A busca por trabalho, as diferenças econômicas regionais, a concentração de terra e tantos outros motivos fazem com que permanecer no campo seja quase impossível para os camponeses¹⁹.

No auge dos anos de 1960/1970 o “milagre econômico” na economia urbana e a revolução verde atuando sobre a ocupação e emprego no campo, fizeram com que os lavradores do Nordeste mineiro procurassem os destinos urbanos na região Sudeste. Os trabalhadores eram requisitados para um mercado que exigia pouca escolaridade, dispensando capacitação prévia e registros anteriores na carteira de trabalho. As décadas de 80 e 90 são marcadas pela intensificação da urbanização brasileira. Embora com novas características, no final dos anos 80 e toda a década de 90 as migrações intensificaram-se intra-regionalmente e continuaram a ocorrer as migrações sazonais. Abramovay (1999) enfatiza que a saída do meio rural não significa o acesso às condições mínimas próprias da vida urbana, ou seja: “desruralização nem sempre é sinônimo, neste sentido, de urbanização”, (ABRAMOVAY,1999:2). Em função da “desruralização”, desde os anos de 1980 os trabalhadores migrantes começam lento movimento de retorno. Regressam em virtude do insucesso da experiência migratória. (PAULA, 2003, p.28)

Todavia, existe uma superioridade da produção capitalista, advinda da industrialização, em relação à produção familiar, o que faz com que a economia camponesa, oriunda da produção centrada na família e que busca a satisfação das suas necessidades sem perder o equilíbrio entre produção e consumo, passe

¹⁹ Não entrarei aqui nas discussões da propriedade do termo, discussão essa já largamente debatida no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Refiro-me a lavradores pobres, caipiras, tabaréus, ribeirinhos, cuja atividade primordial se relaciona com a agricultura de subsistência.

por uma crise. O motor da economia de mercado, que é a economia capitalista, visa a geração de excedente e o lucro, a economia, dita, camponesa não se ajusta a esse mecanismo. O mundo rural que o camponês habita é heterogêneo e busca o equilíbrio entre as relações do / no campo. Em “As formas de solidariedade” (1969), Antônio Candido nos apresenta outra marca diferenciadora do mundo rural, o espírito de união presente na cultura caipira²⁰, no qual a necessidade de ajudar determina a formação de laços de reciprocidade e a estrutura do lugar, *“cujos limites e funcionamento (...) em que ordenam as relações básicas da vida caipira, rudimentares como ele, é um mínimo social, equivalente no plano das relações ao mínimo vital representado pela dieta”* (p.54); Esse mínimo vital e social descrito por Candido diz respeito à importância que devemos dar ao estudo da alimentação nos grupos sociais, pois junto com ela veremos a cadeia que gera as relações humanas no grupo. Com o impacto da expansão econômica capitalista a vida do caipira sofre mudanças que o faz buscar novas alternativas de vida, um novo ajuste a essa realidade. Queiroz (1963) afirma que existem três modalidades da situação da agricultura de subsistência frente à economia comercial que seriam: *“a) persistência, em áreas muito pouco atingidas por esta última forma de agricultura; b) decadência, quando com esta coexiste na mesma área; c) revitalização, quando a área, antes bafejada pelo progresso econômico se viu por ele desertada”* (p.95). Trabalhos atuais têm demonstrado a ocorrência diferenciada dessas situações encontradas também no Bairro Rural a que este trabalho se dedica.

Foi a partir da década de 1950 que começaram a surgir agressões aos modos de vida tradicionais e ameaças de desorganização ecológica e cultural no

²⁰ Utilizo aqui o termo caipira trazido na literatura de Antônio Candido no sentido de afirmar que os sertanejos moradores do Bairro Sagrada Família se assemelham a esse caipira por possuir a mesma formação dos laços de reciprocidade/estrutura do lugar similar. Temos consciência de que o termo “caipira”, de origem tupi, designa, em geral, moradores da roça. A designação abarcou populações da antiga capitania de São Vicente, alargando sua influência e situação para os estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Tocantins e Rondônia. É igualmente importante destacar que em muitas literaturas, os termos “caipira” e “sertanejo” são termos usados como sinônimos.

Norte de Minas Gerais. A política estatal de valorização e incremento dos complexos agroindustriais foi, e é, fator de expulsão das populações tradicionais.

Como é fato conhecido, a modernização que o campo brasileiro passou, causou degradação ambiental e social. Social, pois, com a concentração de renda e de propriedade privada, cresceu o número de pessoas expulsas do campo por não terem mais onde reproduzir seu modo de vida e por não terem sua mão de obra incorporada na atividade agrícola emergente.

Por modernização da agricultura se entende basicamente a mudança na base técnica da produção agrícola. É um processo que ganha dimensão nacional no pós-guerra com a introdução de máquinas na agricultura (tratores importados), de elementos químicos (fertilizantes, defensivos, etc), mudanças de ferramentas e mudanças de culturas ou novas variedades. É uma mudança na base técnica da produção que transforma a produção artesanal do camponês, à base da enxada, numa agricultura moderna, intensiva, mecanizada, enfim, numa nova maneira de produzir. (KAGEYAMA, 1990, p.113)

Esse processo de modernização desencadeou a industrialização da agricultura, fazendo com que a indústria passasse a ditar regras também para os aspectos rurais da vida urbana e para a gestão do meio-ambiente.

Três transformações básicas diferenciam a modernização da agricultura desse processo de "industrialização". Primeiro, não se trata apenas de usar crescentemente insumos modernos, mas também - e principalmente - de mudar as relações de trabalho. (...) A segunda mudança qualitativa é a mecanização. (...) A terceira transformação que muda qualitativamente o processo de modernização da agricultura brasileira nos anos 60 é a internalização do D₁, ou seja, dos setores produtores de insumos, máquinas e equipamentos para a agricultura. (KAGEYAMA, 1990, p.115)

Já na década de 1960 não se visualiza o caminho inverso a essa modernização/industrialização da agricultura, principalmente com o

surgimento das primeiras ideias e esboços dos complexos agroindustriais que viriam a ser a máxima da especialização no/do campo.

A agricultura, então, passa a seguir os padrões dos Complexos Agroindustriais (CAIs), que por sua vez segue padrões determinados pelas políticas estatais. Ou seja, por trás da consolidação dos CAIs estava o Estado com a criação e definição de uma série de medidas no setor econômico-político visando a expansão do parque agroindustrial. O CAI se firmou como diretriz na produção agropecuária, que tinha como objetivo maior impulsionar a economia (acumulação de capital) e o desenvolvimento do país. O crédito rural aqui assume papel principal e foi o Estado quem criou e financiou as condições para transformação da base técnica (econômica e social) da agricultura

É nesse cenário que o Norte de Minas, enquanto região de cerrado, ganha atenção do governo brasileiro com a criação de diversos planos e programas que dispunham de incentivos para ocupação do território com atividades agropecuárias, vistas como a chave da porta para o milagre na economia nacional.

Todavia, em 1950 se iniciou uma crise no segmento de financiamento. Com a criação do Sistema Nacional do Crédito Rural - SNCR, em 1965, e a Reforma do Sistema Financeiro, essa crise foi superada e assim foram estabelecidas as bases que assegurariam parte dos recursos captados pelos bancos sendo orientada para o setor agrícola. Nessa perspectiva, 10% dos depósitos à vista dos bancos comerciais destinar-se-iam a empréstimos para agricultura.

Com o Programa de Metas e Bases para a Ação do Governo (1970/74) e no II Plano Nacional de Desenvolvimento (1974/79) foram pensadas as medidas para desenvolver as áreas de cerrado incorporando-as ao desenvolvimento da economia nacional, via setor agrícola. Medidas essas que giravam em torno de disponibilidade de crédito para incremento do campo.

Kageyama (1990) afirma que com a implantação do SNCR a disponibilidade de crédito aumentou 329% e que pós-1979 houve uma retração desses índices. Nesse contexto o cerrado é visto como um negócio próspero para o Brasil.

Área imensa de terras planas ideais para mecanização, com solos que podiam ser transformados pela química agrícola, com clima e regime hídrico propícios para agricultura, localização privilegiada em relação aos grandes mercados consumidores e com infraestrutura viária relativamente bem montada: era o que se comentava na época. Talvez o mais importante é que a exploração intensiva do cerrado carecia de um grande volume de insumos, e isso movimentava negócios que iam da venda de máquinas ao beneficiamento da soja, à pesquisa agrônômica e à venda de sementes de capim. Desde meados dos anos 1970, os governos criaram programas de estímulo para explorar essas terras, e como eram necessários investimentos elevados, os programas ofereciam recursos subsidiados que transformaram rapidamente o cerrado numa das áreas mais importantes para a agropecuária brasileira.” (RIBEIRO, 2010, p. 30)

Essa expansão da fronteira agrícola às ditas novas terras não levou em consideração a população ali existente. Os olhos estavam voltados apenas para o potencial das terras planas do cerrado e seus chapadões. no Triângulo Mineiro, Brasil Central, Alto Jequitinhonha, Piauí, Sudoeste baiano e Alto-Médio São Francisco, todos inseridos nos novos rumos da expansão agrícola (RIBEIRO, 2010). No que toca à ocupação do cerrado, o governo criou medidas especiais para incentivar sua ocupação e simultânea produtividade.

Quando essas atividades começaram no Alto-Médio São Francisco, as chapadas de gerais foram privatizadas por empresas de pecuárias, reflorestamento e carvoejamento; as baixas úmidas foram sistematizadas, irrigadas e plantadas; a terra fértil da mata seca foi em grande parte transformada em pastagens de capim brachiara ou andropogon. Empresas adquiriam, ou grilavam, grandes áreas de gerais, terras comuns de agricultores tradicionais, e cercavam outros tantos milhares de hectares de terras, se assenhorando das chapadas e encantilando – conforme o dizer local – os lavradores na estreita faixa que ficava entre a margem dos córregos e o começo das chapadas.” (RIBEIRO, 2010, p.31)

A primeira mudança expressiva no Norte de Minas Gerais foi a sua incorporação à Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). A SUDENE foi idealizada por Celso Furtado e instituída no ano de 1959 no governo presidencial de Juscelino Kubitschek, foi criado um Conselho de Desenvolvimento do Nordeste – CODENO que formulou seu I Plano Diretor.

A SUDENE visava colocar em prática ações que atraíssem investimentos do setor privado para as regiões atingidas pelas secas. O Norte de Minas Gerais se tornou, assim, região de dupla investida não só por fazer parte da Região Mineira do Nordeste recebendo incentivos da SUDENE, mas também por suas áreas de cerrado promissoras.

Os interesses fundiários - associando negócios com terras, insumos e agências bancárias que movimentavam subsídios e incentivos fiscais que existiam na área mineira da SUDENE - conduziram, a partir dessa época, para o vale do São Francisco mineiro um grande número de empresas que queriam terra para implantar projetos agropecuários. Quatro novos sistemas de produção foram implantados no rural da região: i) a pecuária extensiva modernizada, que modificou manejo, pastejo e matrizes genéticas, azebuando o rebanho curraleiro; ii) a agricultura irrigada, que ocupou áreas de mata seca e várzeas úmidas de veredas com grandes plantios de grãos; iii) o reflorestamento de eucaliptos e pinus, que ocupou as chapadas planas e secas; iv) o carvoejamento da mata nativa, quase sempre usado para abrir terras que seriam depois usadas nessas novas atividades ou para satisfazer a demanda por carvão das empresas siderúrgicas do pólo guseiro do centro de Minas Gerais, principalmente Sete Lagoas. Neste caso, o carvoejamento da mata nativa - quer dizer: de gerais - era considerado atividade complementar; na época parecia racional usar a renda gerada pelo carvão para o custeio inicial da atividade que seria implantada em seguida." (RIBEIRO, 2010, p.31)

O crédito rural é visto como uma alternativa aos dispendiosos custos da moderna produção agrícola que se vale de defensivos e maquinário para potencializar a produção. Modernização e crédito caminham juntos. Segundo Graziano da Silva *“são os incentivos governamentais - via crédito privilegiado a juros reais negativos - que tornam os baixos salários recebidos pelos trabalhadores rurais*

relativamente mais caros que seus substitutos, como as máquinas e os defensivos químicos, especialmente herbicidas” (1980:125-6). O primeiro programa de crédito agrícola voltado para regiões do cerrado foi um programa piloto em nível regional que serviu de modelo para ações e medidas e serem implantadas nacionalmente, no ano de 1972 é criado o Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados - PCI.

Com o sucesso do PCI foi elaborado e colocado em prática o Programa de Desenvolvimento dos Cerrados - POLOCENTRO, compreendendo doze áreas prioritárias que iam para além de Minas Gerais chegando também no Centro Oeste²¹.

Com essa iniciativa o cerrado entra para o ranking nacional com produção expressiva de café, soja, sorgo e trigo. As mudanças foram desde o uso e trato da terra até o financiamento da produção. De acordo com SALIM (1986, p. 324) *“os cerrados participavam com cerca de 40% da produção nacional de arroz, 16% de milho, 18% de feijão, 36% de rebanho bovino e 24% de suíno”*.

Logo após esse programa, o governo brasileiro faz (mais) acordos com o Japão no ano de 1979 e juntos colocam em prática o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados - PRODECER, visando o investimento nas regiões Centro-Oeste e Norte. *“A estratégia proposta era a criação de grandes unidades agrícolas, com sólido suporte empresarial, ao lado de fazendas de pequeno e médio porte, fundamentados no sistema de operação cooperativista”* (SALIM, 1986, p. 326). Tais investimentos na agropecuária e infraestrutura visavam favorecer a competitividade das variedades agrícolas no cenário internacional. Além desses incentivos o setor de infraestrutura também se beneficiou recebendo os esforços necessários para escoamento da produção. Já no ano de

²¹ Três em Minas Gerais, duas em Mato Grosso do Sul, duas em Mato Grosso e cinco em Goiás, assim definidas: (...) Estado de Minas Gerais: Triângulo Mineiro (ao longo da BR-365, entre Patrocínio e Anápolis); Alto Médio São Francisco (limitada pelos rios Paraopeba, São Francisco e das Velhas, de Sete Lagoas até Pirapora). (SALIM, 1986, p.315-17)

1982 é implantado o Programa de Financiamento de Equipamentos de Irrigação - PROFIR que surge para aumentar e viabilizar a produção de grãos, em especial, o trigo.

Contudo, diferentemente da “crença” do governo, as terras do Norte de Minas não eram despovoadas e essas ações provocaram altos índices de êxodo rural. As intervenções reguladoras do Estado tornaram possível o “sucesso” do parque industrial de processamento de produtos agropecuários.

A tecnologia agrícola difundida no País durante a década de 70 conduziu-se a resultados muitas vezes satisfatórios em termos de elevação da produtividade do trabalho e da produtividade física; no caso de algumas culturas, concorreu para um agravamento de problemas sociais e ecológicos. Dentre os sociais, ressaltam-se a elevação da concentração fundiária, a expropriação de pequenos produtores inclusive de alguns dos que se modernizaram, a redução substancial de ocupações mais estáveis, a elevação da sazonalidade do trabalho e, como consequência, a precipitação de um movimento populacional a partir do campo, responsável por um virtual despovoamento das áreas rurais mais desenvolvidas. É necessário mencionar também que esta tecnologia agrícola não apenas tem exigido um sistema de crédito subsidiado para sua incorporação, como tem acarretado, em geral, um balanço energético desfavorável (consome mais energia do que aquela que produz) e pressões sobre o balanço de pagamentos por ainda fundar-se a importação de energia e insumos. (SALIM, 1986, p.336)

Nesse contexto, inúmeros são os casos de luta pela terra no Norte de Minas, comunidades e povos estão à mercê dos grandes proprietários e latifundiários desses cerrados. Torna-se necessário, então, refletir sobre tais conflitos, expropriações e mudanças dos modos de vidas que surgiram após essas ações governamentais na região, lutas no sentido de se conservar elementos que possam garantir que esse território abrigue e alimente as gerações futuras, sem que seus direitos sejam violados e sua tradição e cultura desrespeitadas.

De acordo com PAULA (2003), é a partir deste ponto, a ocorrência dos conflitos, que podemos relacionar a estrutura fundiária concentrada ao fluxo

migratório rural regional. A pecuária trouxe riqueza e prosperidade para alguns e desigualdades sociais e econômicas para muitos, com a industrialização tem-se um crescimento significativo da população urbana.

A industrialização proporcionou o processo de urbanização. Os migrantes buscam, além do Sul do País, também os municípios com mais indústrias na região, sempre em busca de emprego. Essa mobilidade espacial desorganiza os municípios que não dispõem de infraestrutura para receber novos habitantes. (...) O desenraizamento do povo gera insegurança pelo rompimento dos vínculos sociais e perda de dignidade e identidade. (PAULA, 2003, p.72)

Assim, entender a trajetória dos sertanejos Norte-Mineiros requer entender os fluxos que tem se estabelecido, partindo de uma perspectiva do regional, dos vínculos com o lugar, vínculos culturais e econômicos que constituem o reconhecimento do indivíduo em sua sociedade.

1.2 O SERTÃO

Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. (...) Um grande sertão! ²²



FOTO 3 – Bairro Sagrada Família no Sertão do São Francisco/MG.
FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais, Maio de 2013. 1 fotografia, color

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. ²³

²² (ROSA, 1994, p. 134)

²³ (Ibidem, p. 85)

João Guimarães Rosa fala de um sertão no Norte do Estado de Minas Gerais em uma região em que corre o Rio São Francisco, partindo de um ponto de vista socioantropológico de descrição densa daquela região e dos modos de vida daquelas pessoas. Nessa região o sagrado, o profano, o real e o imaginário se misturam criando uma miscelânea de crenças. Entender a construção do real e do imaginário, e também se o real é mesmo real e existe, tornou-se, para mim, uma necessidade, uma busca a partir do momento em que tive acesso à obra do pensador francês de origem grega: Cornelius Castoriadis (1922-1997). Além disso, Guimarães Rosa me despertou pro imaginário social latente

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira. Viver é muito perigoso... (ROSA, 1994, P. 113)

Enquanto Castoriadis incitou em mim uma explicação filosófica para esse fenômeno. Por esta razão pretendemos traçar um panorama geral do que seria esse imaginário social para este autor. Em “A instituição imaginária da sociedade” o Castoriadis define que imaginário

nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sobre este título. Em particular, isso nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente, é apenas imagem de e imagem refletida, ou seja, reflexo, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (eidolon), ainda que os que utilizem o termo ignorem sua origem. O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio espelho, e a sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação ex nihilo. Aqueles que falam de “imaginário” compreendendo por isso o “especular”, o reflexo ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre e um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que (este mundo) seja imagem de alguma coisa. O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/ formas/ imagem, a partir das quais somente é possível falar-se de

“alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1982, p. 13)

Assim a imaginação e o imaginário estão no centro de todo o pensamento. Veja-se o pensamento de Castoriadis sobre o imaginário vindo à tona em trechos do romance Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Exemplos de como a mente humana constrói suas crenças e medos e os exterioriza, nesse caso específico, os pensamentos do jagunço Riobaldo.

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que eu conto. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe. (ROSA, 1994, p.132)

O meu interesse maior por trás do exposto acima e o que virá a ser exposto sobre a teoria do imaginário, está na busca em entender que categoria “sertão” é essa consagrada na obra de Guimarães Rosa, assim como em Ariano Suassuna e Graciliano Ramos, uma vez que o norte de Minas Gerais é conhecido com Sertão.

Caminhar de noite, no breu, se jura sabença: o que preza o chão – o pé que adivinha. A gente imagina uns buracões disformes. A gente espera vozes. É. Pouquinhos estrelas dando céu; a noite barrava bruta. Digo ao senhor: a noite é da morte? Nada pega significado, em certas horas. Saiba o que eu mais pensei. No seguinte: como é que curiango canta. Que o curiango canta é: Curí-angú! (ROSA, 1994, 282)

Detenho-me nessa dimensão simbólica da categoria sertão, que em meu local de pesquisa de mestrado, São Francisco-MG, é repleta de representações

que são feitas e descritas pelos moradores que, desta maneira, dialogam com as descrições de João Guimarães Rosa em sua literatura na qual “O sertão está em toda a parte” (1994, p. 02).

Tuan (1980) afirma que a literatura é fonte minuciosa da percepção de mundo dos seres humanos pois é com sutileza e leveza de palavras que os escritores conseguem expressar as diferentes visões de mundo existentes. Assim, recorrer à literatura é uma opção analítica posto que nela encontramos experiências íntimas relacionadas ao lugar (TUAN, 1983), o que a torna necessária para compreensão dessa categoria que chamamos “sertão” entendida, também, com uma região interiorana distante do litoral.

No começo, aquilo me corria só os calafrios de horror, a idéia minha refugava. Mas, a pouco, peguei às vezes uma ponta de querer saber como tudo podia ser, eu imaginava. Digo ao senhor: se o demônio existisse, e o senhor visse, ah, o senhor não devia de, não convém espiar para esse, nem mi de minuto! - não pode, não deve-de! São se só as coisas se sendo por pretas - e a gente de olhos fechados. (ROSA, 1994, 322)

Tudo isso foi dito para contextualizar as conexões entre literatura e filosofia, resgatando sucintamente alguns aspectos mais importantes do pensamento de Castoriadis no que toca a discussão da construção do imaginário.

Castoriadis afirma que na criação do imaginário no domínio social histórico o homem só existe porque existe também uma sociedade na qual ele está inserido; o Ser é visto a partir de um abismo de interações no tempo, como algo que ainda está para ser. O homem é singular assim como cada sociedade é singular, dotada de peculiaridades. Apesar dessa singularidade, o pensamento do homem está condicionado pela instituição a qual ele pertence. Ou seja, os significados e significações do ser seriam, por assim dizer, imaginários já que foram induzidos por um conjunto de normas e valores daquela sociedade na

qual sua criação está intrínseca, e por articularem pontos comuns a todos os indivíduos ali contidos esses significados passam a ser também sociais.

Aquilo que mantém uma sociedade reunida é evidentemente sua instituição (...) tomando aqui a palavra instituição no sentido mais amplo e mais radical: normas, valores, linguagem, instrumentos, procedimentos e métodos de fazer frente às coisas e de fazer coisas e ainda, é claro, o próprio indivíduo, tanto em geral como no tipo e na forma particular que lhe dá a sociedade considerada. (CASTORIADIS, 1987, p.229)

A instituição se impõe “*de modo superficial mediante a coerção e as sanções (...) e de forma mais ampla, mediante a adesão, o apoio, o consenso, e legitimidade, a crença*”²⁴. É nesse contexto que Castoriadis chama a atenção para o *magma das significações imaginárias sociais* que é visto como “*um tecido imensamente complexo de significações que impregnam, orientam e dirigem toda a vida daquela sociedade*”²⁵ esse magma seria o todo construído em torno do que seriam os “*espíritos, deuses, Deus; polis, cidadão, nação, Estado, partido; mercadoria, dinheiro, capital, taxas de juros; tabu, virtude, pecado, etc.*”²⁶. Nesse sentido “*é a instituição da sociedade que determina o que é e o que não é ‘real’, o que ‘tem um sentido’ e o que é desprovido dele*”²⁷.

Nesse emaranhado de significados e significações que, através do desenvolvimento das suas capacidades lógicas e físicas e do surgimento da própria autonomia, o ser re-significa o que está posto e imposto.

Tudo o que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico [...] Encontramos primeiro o simbólico, é claro, na linguagem. Mas encontramos igualmente, num outro grau e de uma outra maneira, nas instituições. As instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico. (CASTORIADIS, 1986, p. 142)

²⁴ (CASTORIADIS, 1987, p.229).

²⁵ (Ibidem, p. 230)

²⁶ (Ibidem, p.231)

²⁷ Ibidem (, p.232)

Portanto, o real é face do imaginário, e é no simbólico que o imaginário toma corpo e se faz existir, “o simbolismo supõe a capacidade de estabelecer um vínculo permanente entre dois termos, de maneira que um representa o outro”²⁸. As instituições projetam a verdade no imaginário social e por isso precisam de regras e sanções que atuam na funcionalidade da coisa. Em alguns aspectos somos incitados a crer que o imaginário é usado como fonte de alienação, uma vez que “o imaginário seria a solução fantasiosa das contradições reais (...) e sempre vem satisfazer uma necessidade real da sociedade”²⁹.

Só existe história porque os homens comunicam e cooperam num meio simbólico. Mas esse simbolismo é ele próprio criado. A história só existe na e pela linguagem, mas essa linguagem, ela se dá, ela constitui, ela transforma. . . Faz parte da natureza do sujeito o alienar-se nos símbolos que emprega. (CASTORIADIS, 1986, p. 169.)

Sou o que sou porque estou inserido em uma sociedade e ao conviver com o outro, próximo a mim, me identifico ou identifico dessemelhanças. O todo é antes de tudo um símbolo. É na imaginação radical que o homem toma ciência da sua conjuntura e cria os mecanismos necessários para mudança social e individual. É impossível, assim, pensar em história distante da imaginação produtiva ou criadora (imaginário radical). Portanto o “histórico só existe cada vez em uma estruturação trazida por significações cuja gênese nos escapa como processo compreensível, visto que ela pertence ao imaginário radical” (CASTORIADIS, 1986, p. 184.).

O imaginário social é, primordialmente, criação de significações e criação de imagens ou figuras que são seu suporte. (...) Estabelecendo o signo, o imaginário social faz existir, pela primeira vez no desenvolvimento do universo, a identidade, como ela não existe e não pode existir em nenhum lugar fora disso; ele institui a identidade e a instituiu em e pela figura. (...) A sociedade não pode instituir-se sem se instituir como algo; este algo é já necessariamente significação imaginária, porque não pode ser nenhuma outra coisa. (CASTORIADIS, 1986, p. 277/285/310)

²⁸ (Ibidem, p. 155)

²⁹ (Ibidem, p. 162)

Diante do exposto queremos chamar a atenção para o fato de que está no pensamento moderno a autonomia do imaginário radical. E que a instituição da sociedade é composta de magmas das significações imaginárias. O real é e não é. A mente acredita não só no que está posto, mas também naquilo que a sua imaginação é capaz de supor existir. Aquilo que o indivíduo acredita ser real pelas suas experiências emaranha-se com o dito “irreal” compondo o seu todo. E assim cada sociedade vai se (re)afirmando e se diferenciando pelos potenciais imaginativos.

O que é de paz, cresce por si: de ouvir boi berrando à forra, me vinha idéia de tudo só ser o passado no futuro. Imaginei esses sonhos. Me lembrei do não-saber. E eu não tinha notícia de ninguém, de coisa nenhuma deste mundo – o senhor pode raciocinar. (ROSA, 1994, 403)

Não seria despropositado afirmar – e aí reside muito de nossa originalidade - que “Sertão” é uma peculiaridade do Brasil, ocorre aqui e não em qualquer outro lugar: “sertão é um espaço físico e imaginário tipicamente brasileiro³⁰”.

Grande sertão: veredas é desses livros inesgotáveis, que podem ser lidos como se fossem uma porção de coisas: romance de aventuras, análise da paixão amorosa, retrato original do sertão brasileiro, invenção de um espaço quase mítico, chamada à realidade, fuga da realidade, reflexão sobre o destino do homem, expressão de angústia metafísica, movimento imponderável de carretilha entre real e fantástico e assim por diante." (Antonio Candido, 1971)³¹

Em análises de configuração mais conhecida ou divulgada, a obra de João Guimarães Rosa teria se iniciado na terceira fase do Modernismo e viria a se impor como um marco no desenvolvimento da literatura brasileira. A produção literária de base regionalista, em geral, abordava os problemas do país de forma superficial, ratificando, na literatura, diversos preconceitos.

³⁰ RONCARI, Luiz. “Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa”. SCRIPTA, Belo Horizonte, v.15.n.10. p. 243-248, 1º sem. 2002.

³¹ Acesso em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp763/pag14.htm>

Evidentemente, esse não é o caso de João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Se, por um lado, o regionalismo de João Guimarães Rosa minimiza a ênfase na paisagem, por outro focaliza o ser humano em conflito com o ambiente e consigo próprio, isso o predispõe a tratar as personagens, seja nas suas particularidades regionais, seja na sua amplitude universal, profundamente. É a dimensão regional que desejamos frisar aqui. Em Guimarães Rosa há, claramente, ao valorizar a cultura sertaneja, o posicionar-se na contramão do progresso que dominava o discurso desenvolvimentista que, por sua vez, embasava muito da produção literária da época.

...nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias; já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo, a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens." (João Guimarães Rosa em entrevista a Gunter Lorenz, "Diálogo com Guimarães Rosa", 1965).

Este trabalho se aproxima de seus sujeitos e do ambiente em que vivem, estabelecendo relações e identificando, como na literatura roseana, personagens e paisagens comuns a ambos. Parece-nos que, facilmente, o sertanejo nordestino se reconhece em Guimarães Rosa, mesmo os que nunca tiveram a possibilidade de lê-lo, e sua veiculação oral está fortemente presente.

Se é no sertão brasileiro que ambientam-se, na sua maioria, os contos e romances roseanos, ali transparece todo o seu misticismo que é particular, pequeno, próximo, mas é, também, universal e infinito. "*o sertão é o mundo*"; "*o sertão é dentro de nós*".

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode

torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo Jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá - fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (ROSA, 1994, p.7)

Decerto, uma das características mais marcantes da tonalidade regional visíveis na obra de Guimarães Rosa é o aproveitamento que o autor faz de elementos tirados de uma cultura oral e, talvez, daí sua ressonância tão generalizada nos Gerais. Guimarães Rosa se utiliza da fala do povo como linguagem literária.

As disputas de terra, a utilização de mão-de-obra escrava ou semi-escrava, as gritantes diferenças sócio-econômicas e culturais permeiam toda a obra de Rosa, contemporânea a questões, sobretudo relativas a meio-ambiente e sustentabilidade. Em *Grande sertão: veredas*, Riobaldo, narrador do romance, explica a seu entrevistador que, se ele foi conhecer as potencialidades ambientais e culturais do sertão, havia chegado tarde, pois, naquele momento, tudo já se achava em estado de degradação, em vias de desaparecimento”.³²

A categoria “Sertão” para este trabalho é tomada em uma dimensão simbólica repleta de representações, na qual “O sertão está em toda a parte” (1994, p. 02). O Sertão tem muitos significados, e é imenso, ‘do tamanho do mundo’ (ROSA, 1994, p.96). Os sertanejos, ribeirinhos, geraizeiros, vazanteiros, e tantos outros povos tradicionais, que vivem nas margens e no entorno do Rio São Francisco no sertão mineiro, demonstram que o sertão é o território de pluralidades de modos de vida tradicionais, de povos que sabem viver, conviver e preservar a biodiversidade. O Norte de Minas Gerais está repleto de

³² FONTE

http://circuitoguimaraesrosa.com.br/Guimaraes_Rosa/Jose_Vinicius_Pessoa_Sobre_Guimaraes_Rosa.pdf

representações tradicionais visíveis na pluralidade de suas festas, lendas, simbologia e religião que caracterizam e afirmam sua coesão social.

Inicialmente, todavia, a palavra sertão foi usada pelos portugueses e fazia alusão às terras “estranhas” que estão além da beira do mar. Fazendo referência a terras distantes, imaginadas como férteis, ricas que se tornaram no imaginário social sinônimo de prosperidade. A partir do século XIX a palavra ganha uma conotação não mais positiva por fazer referência, também, há costumes ditos não civilizados, por aqueles que viviam em um ‘litoral urbanizado’ (SENA e SUAREZ, 2011).

Na primeira metade do século XX, o sertão denotou a medida do descompasso entre formas de organização social e de cultura declaradas rudes e bárbaras. Porém, também apontou para um lugar de encontro do impulso civilizador com os valores autênticos da nacionalidade. É com esse último sentido que ganha força mobilizadora diversas utopias nacionalistas que pretendem combinar harmonicamente os valores civilizatórios e os valores da brasilidade, como por exemplo, a Marcha para Oeste memorializada exemplarmente por Cassiano Ricardo ([1940] 1970). (SENA e SUAREZ, 2011, p.7)

Com o plano ‘Marcha para Oeste’ o governo de Getúlio Vargas criou mecanismos e incentivou um fluxo migratório do litoral em direção ao sertão divulgando assim seus aspectos positivos. A partir do surgimento da categoria sertão, século após século, ela vem se resignificando de acordo com as mudanças estruturais, econômicas, sociais e espaciais. Nesse sentido, é interessante notar como indicado por Eli Napoleão de Lima ser...

... possível se observar que até meados deste século XX a literatura no Brasil (bem como na América Latina em geral), dada a pequenez de estudos de caráter disciplinar ou acadêmico em Ciências Sociais desempenhou, por longo tempo, papel determinante na representação da realidade. Antes de 1930, quando se inaugurou a criação das universidades modernas era frágil a divisão do trabalho intelectual. Os chamados homens de letras tinham múltiplos talentos, na maioria

das vezes eram, ao mesmo tempo, educadores, políticos, poetas, militares, homens de ciência, jornalistas, literatos, advogados, etc.³³

Assim, também:

Como já foi apontado por Berthold Zilly, a permanente tensão interior (ou sertão)-litoral (ou seus similares campo-cidade; atraso – progresso) encontra-se presente, de forma marcante e inequívoca, tanto na ficção como no ensaísmo latino-americano e pode ser apreendida tanto em José de Alencar, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, quanto em Heriberto Frias, Mariano Azuela, José Fernandez, José Maria Arguedas, dentre outros que tematizaram o interior, valorizando as populações mestiças e suas formas de convívio, organização social e protesto cuja alteridade e especificidade regional muitas vezes foi brutalmente atropelada pela moderna civilização globalizada.³⁴

É, no entanto, a partir das décadas de 1970 e 1980 que autores e políticas enfrentam a problematização dos aspectos positivos e negativos do sertão, tendo *“por um lado, as negatividades de rudeza e barbárie atribuídas anteriormente ao sertão (era preciso desbravá-la) e, por outro, as positividades de abundância, fertilidade e prosperidade (era preciso aproveitá-la) (SENA e SUAREZ, 2011, p.7).*

A alternância histórica de imagens positivas e negativas desperta, em parte, o mistério que cerca o sentido da palavra “sertão”. A esse respeito, Amado (1995 apud Lippi, 1998, p.197), nota que ‘desde o início da História do Brasil, portanto, sertão configurou uma perspectiva dual, contendo em seu interior, uma virtualidade: a da inversão. Inferno ou paraíso...’ Mas, também deve ser considerado que, por condensar uma multiplicidade de sentidos e por se tratar de um operador de identidade e diferença, o sertão é um objeto elusivo que, como expresso na poética enigmática de Guimarães Rosa (1976, p. 191), ‘estando em toda parte não está nunca onde está’. (SENA e SUAREZ, 2011, p.8)

³³ Eli Napoleão de. COSTA, Luiz Flávio Carvalho e outros (orgs). Mundo Rural e Tempo Presente. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.p.45

³⁴ LIMA, Eli Napoleão de. “Euclides da Cunha e o Estado Novo”, In: LIMA, Eli Napoleão e outros (orgs). De sertões, desertos e espaços incivilizados. Rio de Janeiro: FAPERJ; MAUAD, 2001.p.78.

Dessa forma, o sertão, apesar de ser definido como distante, ou até mesmo, o oposto do litoral, não possui características ou uma fórmula que permita demarcá-lo em um cartografia pois no “ *imaginário nacional, o sertão é móvel e fluído, ora coincidindo com algumas regiões ora com outras*” (SENA e SUAREZ, 2011, p.12). Rodrigues (2001) evidencia já no título principal do seu trabalho “*Sertão no plural*” que muitos são os sertões do Brasil, deixando entrever assim, que as diversas formas de apropriação natural e simbólica do sertão geram também diferentes representações deste espaço. A autora enfatiza a polissemia da noção de sertão afirmando que

A palavra sertão tem uma imensa capacidade de evocar situações, lugares, objetos e símbolos. A sua presença marcante na música, na literatura de cordel, no teatro, no cinema, na dança, nos folguedos, nos relatos que tomam para si fragmentos da vida cotidiana e na literatura, são exemplos de sua polissemia (ALMEIDA; MENDES, 2008, p.31).

Os sertanejos seguem padrões de comportamento transmitidos socialmente, modelos mentais usados para perceber, relatar e interpretar o mundo, símbolos e significados socialmente compartilhados (Diegues, 2001). Sena (1998) afirma que devemos considerar sertão uma categoria que pertence a um grupo, a uma coletividade, que está presente no campo inconsciente e dotado de significados para os seus indivíduos, dentro “*do processo de construção ideológica do Brasil*”. A autora constrói essa interpretação valendo-se não só da literatura de João Guimarães Rosa, mas também de Euclides da Cunha, vistos como fonte singular de representação das ideias desenvolvidas nos seus escritos e também dos modos de vida dos que passaram a ser chamados de Sertanejos, por serem oriundos do Sertão. A literatura de cordel e o cangaço, segundo Godoi (1999), permitiram a construção de uma interpretação antropológica sobre o Sertão partindo do que se pode chamar: “*imaginário sertanejo*”.

O termo sertão condensa uma pluralidade de significados, um entremeadado de imagens fugidias e associações apenas entrevistas de modo que, à semelhança, digamos do hau dos maoris, trata-se menos de uma coisa sobre a qual o nativo pensa do que de uma coisa através da qual ele pensa. O sertão é, simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente, o fora do tempo, que não está nunca onde está. (SENA, 1998, p.21)

SENA (1998) busca demonstrar que, diferentemente do que Euclides da Cunha supunha inicialmente ser o sertão, um espaço ou lugar geograficamente delimitado, ele é *“uma forma de ser, é aquilo que dentro de nós, nos distingue, ontem e permanentemente, como brasileiros”*. Assim afirma que:

(...) em relação ao processo de construção ideológica do Brasil, o sertão pode ser entendido como *“uma categoria de pensamento coletivo ou categoria inconsciente do entendimento”* de que nos fala Mauss (1974^a, p. 207-241): situadas no plano do inconsciente, essas categorias operariam como princípios-diretrizes do pensamento, viabilizando ou tornando possível esse próprio pensar. Presentes na linguagem, mas de forma não explícita, essas categorias caracterizam-se por sua alta densidade simbólica, por representarem - no dizer de Lévi-Strauss (1974b, p.34) - *‘um excedente de significação’* potencialmente aplicável a uma gama variável de conteúdos simbólicos. Daí a necessidade, sublinhada por Mauss (1974^a, p. 209-210) e exemplificada em seu ensaio sobre a noção de pessoa, de se construir uma história social dessas categorias através de um levantamento comparativo das diversas formas, versões, conteúdos e expressões que elas assumem. É desse modo que proponho que a noção de sertão será entendida como uma categoria necessária e princípio-diretriz subjacente do processo de constituição de nossa nacionalidade. (SENA, 1998, p.26)

O que SENA (1998) explicita sobre o Sertão é que a falta de representações geográficas do Brasil até início do século XX, possibilitou o surgimento de várias interpretações do espaço, relacionados à localização territorial e às representações simbólicas. Assim, é permitido supor que o sertão, *“na sua resistência e irredutibilidade, seja o próprio Brasil que se representa e se*

singulariza e, pela atualização permanente desse mito, cada geração de brasileiros retome e reconstrua simbolicamente a saga épica do sertanejo” (p.27).

Para aquele que é de fora, que não compreende nem respeita as características peculiares do sertanejo, a identidade da pessoa desta região é acompanhada de um orgulho e amor por si mesma. Não é uma identidade de superfície, que se esgota naquilo que se vê à primeira vista, mas uma identidade arraigada, imersa em valores regionais, orientada por um código secreto, embasada numa lógica própria. (FILHO, 2006, p.03)

Diegues (2001) afirma que a cultura sertaneja está presente desde o nordeste ao cerrado brasileiro tendo como característica marcante a criação de gado, animais de pasto e vastidão de itens usados para alimentação. A identidade sertaneja ultrapassa os valores morais e sentimentos chegando até os aspectos físicos-geográficos do lugar. Afirma também que a categoria sertaneja é pouco explorada, mas existem escritos consagrados que de alguma forma o fazem. Como, por exemplo, Darcy Ribeiro, Manuel Correia de Andrade, Donald Pierson, entre outros, que escreveram sobre os vários brasileiros, suas terras, ciência e beleza. Somente nas últimas décadas que o modo de vida sertanejo ganhou espaço em Universidades situadas no próprio sertão.

Segundo Little (2002) a diversidade sociocultural do Brasil está diretamente relacionada à sua diversidade fundiária. O que inclui as diversas estruturas fundiárias transmitidas por comunidades sertanejas. Assim, o que fundamenta os territórios sociais são justamente os seus vínculos sociais, simbólicos e rituais mantidos com o meio ambiente. Little afirma, desta forma, que o conceito de povos tradicionais *“surgiu para englobar um conjunto de grupos sociais que defendem seus respectivos territórios frente à usurpação por parte do Estado-nação e outros grupos sociais vinculados a este”*.

Tuan (1977), desde a geografia, faz a distinção entre o ‘espaço’ abstrato e genérico e um ‘lugar’ concreto e habitado. (...) A noção de

lugar também se expressa nos valores diferenciados que um grupo social atribui aos diferentes aspectos de seu ambiente. Essa valorização é uma função direta do sistema de conhecimento ambiental do grupo e suas respectivas tecnologias. Essas variáveis estabelecem a estrutura e a intensidade das relações ecológicas do grupo e geram a categoria social dos recursos naturais' (Raffestin 1993: 223-8). (LITTLE, 2002, p.23)

O espaço, assim explicitado, é passível de deslocamentos, e cada pausa desse movimento o transforma em lugar, ou seja, é a partir do valor e significação que o espaço torna-se lugar. Nesse sentido, vale lembrar o que Godoi (1999) afirma, ou seja, que ao nos propormos a estudar as práticas que caracterizam os modos de vida camponês, principalmente os do sertão, não podemos deixar de lado o universo simbólico que permeia as *“percepções e ações dos sujeitos inscritas nas condições sociais e historicamente situadas e ‘funcionando’ em um nível mais profundo do que a realidade passível de apreensão imediata – é preciso dar à luz as práticas”* (1999, p. 27). A paisagem e a natureza do e no sertão, assim como seus moradores nativos fazem o lugar, ao passo que as apropriações dos espaços e dos territórios modificam o modo de vida.

1.3 O SERTANEJO E O RIO SÃO FRANCISCO

Mas a gente é sertanejos, ou não é sertanejos?³⁵



FOTO 4 – Crianças na beira do Rio São Francisco em São Francisco-MG.
FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais, Maio de 2013. 1 fotografia, color

As características típicas desse homem sertanejo implicam diretamente na manifestação de festas religiosas ou até mesmo das vaquejadas, simbolizando aspectos da sua vida diária. Para sua produção de vida, o sertanejo, passou a desenvolver práticas alimentares a partir do extrativismo, e das roça e dos rios.

³⁵ (ROSA, 1994, p.377)

A cultura sertaneja, especializada na criação de animais de pastoreio, é marcada por certa dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização familiar, na estruturação do poder, na vestimenta típica (perneiras, guarda-peito, gibão), nos folguedos estacionais na visão de mundo, numa religiosidade propensa ao messianismo, na dieta e na culinária '*..somos um povo que tudo come: 'mato' (legumes verdes, folhas), com exceção de couve que se cozinha junto com o feijão, a cebolinha e o coentro para o tempero. Não abatemos nem comemos filhotes de animais leitões, cordeiros, cabritos, vitelos. Talvez porque os nossos rebanhos sejam pequenos e por demais preciosos'*. (R. de Queiróz, 1994). (DIEGUES, 2001, p.50)

Procuramos nos escritos de Antonio Carlos Diegues por saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil, assim como na antropologia da territorialidade de Paul Little, uma caracterização do que seria esse ser vivente do sertão, chamado de sertanejo. Porém, antes de nos debruçarmos sobre as considerações desses autores, gostaríamos de ressaltar que, para pensar e caracterizar o sertanejo, devemos pensar o sertão através do imaginário sertanejo, como afirma Godoi, procurando, como afirma Sena (1998) "*penetrar no esquema mental do nativo respeitando a hierarquização que ele próprio estabelece entre suas categorias*". Também vale ressaltar a reação a Euclides da Cunha, interpretado por Sena(1998), que percebe o sertão não mais como uma lugar geográfico apenas, mas também como uma forma peculiar de organização social e modos de vida característicos.

Paul Little (2002) chama a atenção para o sentimento de pertencimento ao lugar e à cosmografia, vista como a relação estabelecida entre o sertanejo e o lugar onde vive:

A situação de pertencer a um lugar refere-se a grupos que se originaram em um local específico, sejam eles os primeiros ou não. A noção de pertencimento a um lugar agrupa tanto os povos indígenas de uma área imemorial quanto os grupos que surgiram historicamente numa área através de processos de etnogênese e, portanto, contam que esse lugar representa seu verdadeiro e único

homeland. Ser de um lugar não requer uma relação necessária com etnicidade ou com raça, que tendem a ser avaliadas em termos de pureza, mas sim uma relação com um espaço físico determinado. Todavia, a categoria de identidade pode se ampliar, à medida que a identidade de um grupo passa, entre outras coisas, pela relação com os territórios construídos com base nas suas respectivas cosmografias. (LITTLE, 2002, p.10)

Em concordância com Little, o sertão e o rio São Francisco no Norte de Minas Gerais têm suas histórias entrelaçadas, onde os ciclos da terra e da água formam o cenário dos sujeitos do campo à cidade. As histórias e *estórias* fazem a representação desse sertão, e são muitas as representações feitas e re-feitas sobre ele, sobre o rio e sobre os sertanejos ribeirinhos.

Nos sujeitos moradores antigos das margens do Rio São Francisco encontramos os exemplos de sertanejos, homens do sertão representados por João Guimarães Rosa em sua obra, que lidam constantemente com os ciclos da vida rementendo sempre à memória e as lembranças nas representações e enfrentamentos da vida. A memória e a alma do lugar se misturam e assentam-se nos vários caminhos e recantos.

Ao propor estudar as práticas que caracterizam os modos de vida sertanejos, não podemos deixar de lado o universo simbólico que permeia o contexto sócio histórico das apropriações dos espaços e dos territórios que modificam a vida das pessoas do lugar.

Segundo Neves (1998) data de fins do século XVII e início do século XVIII o surgimento de aldeamentos cristãos, fundados por missionários ao longo do Rio São Francisco e orientados para o trabalho de catequizar os nativos. Nessa mesma época cresce também o número de criadores de gado e vaqueiros na beira do Rio.

No século XVII, os paulistas encontraram densas matas no Alto Rio das Velhas, onde puderam explorar madeira para construções diversas. Um grupo de armadores passou a construir 'grandes e boas canoas, conforme o documento anônimo, Informações sobre as minas do Brasil, da primeira década do século XVIII. Esses barcos eram lançados naquele afluente percorrendo aproximadamente 600 km até alcançar o Rio São Francisco. (...) O São Francisco era, assim, procurado por ter largueza de campo e água sempre manante de rios e lagoas. (NEVES, 1998)

Já no século XVIII com a forte exploração de ouro e pedras preciosas, do Médio São Francisco saem a rapadura, a farinha, o peixe seco e a cachaça que abastecem as minas (NEVES, 1998). É também nesse século que o "sal", conhecido como "sal da terra" torna-se fonte maior de riqueza do Rio São Francisco, até metade do século XIX, quando aparece o sal marinho que é de qualidade superior ao sal da terra. A característica forte do sertanejo é criar mecanismos de sobreviver às diferentes condições que o lugar proporcionava.

O regime alimentar, as práticas agrícolas, extrativas e de convívio com o sertão mineiro, encontra seu nexos na relação homem-natureza e se realiza nas práticas sociais, no modo e nas condições de vida das comunidades locais (PORTO-GONÇALVES, 2000, p. 23).

Segundo Neves (1998) as barcas, as canoas e os remos se faziam presentes no dia-a-dia dos sertanejos ribeirinhos e a permanência das barcas na ribeira apontava o comércio ambulante, os serviços de barcas de frete, o sistema de crédito e, acima de tudo, a presença de seus tripulantes.

Existiam, assim, barcas que eram fretadas pelos comerciantes ou fazendeiros para despachar algum carregamento em cidades beira-rio. Estas barcas costumavam subir e descer o rio inúmeras vezes, parando sempre nos lugares de costume. Assim estabeleceu-se um sistema de crédito de "vender na ida para receber na volta", o que beneficiava os ribeirinhos, já que as barcas levavam até quatro meses para voltar naquele lugar. As embarcações eram

movidas pela força física de homens que manipulavam remos e varas para movê-las, esses homens ficaram conhecidos como os remeiros (NEVES, 1998).

Por conseguinte, o Rio São Francisco tem importância não só para a sociedade Brasileira, no que diz respeito ao seu desenvolvimento e sua expansão territorial, mas também para os sujeitos singulares que vivem às suas margens, acostumados aos “*combates contra as secas e inundações, que ameaçam a existência dos rebanhos*”³⁶. Richard Burton em “Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico” apresenta os registros que fez (observações, natureza, economia, população, etc.), por onde passou na sua viagem pelo Rio São Francisco, no ano de 1867. No início de cada capítulo desse seu trabalho ele traz frases ou citações que representam aquilo que ele descreve ao longo do texto, muitas vezes, fazendo referência ao Engenheiro Halfed³⁷. Ao passar pela região ribeirinha do São Francisco, etnografando com detalhes o dia-a-dia das comunidades, os acontecimentos - como os bichos-de-pé que atacavam a todos -, o caráter tranquilo do povo daquele lugar e as paisagens naturais de Guaicuí, Burton destaca, principalmente, o encontro do São Francisco com o Rio das Velhas: “*Se algum lugar merece selo de grandeza conferido pela mão da Natureza é essa confluência*”.

Sua descrição do Rio São Francisco faz uma abordagem sobre o que ele pode ver naquele “*grande e famoso lago, que seria muito desejável descobrir*”. Burton descreve a nascente e os seus afluentes; os peixes e a população beneficiada por aquelas águas, compara a bacia com a do Rio Amazonas e ambas com a do Rio Mississipi. O autor usa de estudos geográficos para explicar a formação hidrográfica do São Francisco e as rochas que compõem sua bacia, faz ainda outra abordagem do Rio como via de comunicação, classificando, todavia, como uma comunicação ainda embrionária pelo fato de que naquela época ainda não

³⁶ (ROCHA, 1983, p. 28)

³⁷ Autor do Atlas e Relatório do Rio de São Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até ao Oceano Atlântico, datado de 1860

havia condições para uma travessia segura, assim, Burton faz uma observação muito interessante:

Quando estiver densamente habitado, o grande vale ribeirinho, a rápida drenagem irá aumentar as enchentes e as secas correspondentes. Tornar-se-á então, necessário construir represas na artéria principal e nos tributários, sólidos paredões, partindo de ambas as margens, deixando uma fonte corrente no centro, e criando a profundidade suficiente de água para a navegação.

As chuvas fazem os ribeirinhos entrarem como que num período de hibernação, entretanto, logo em seguida a comitiva sai debaixo de sol escaldante. É possível tirar daí uma noção do clima do sertão mineiro: chuvas e sol fortes, quase concomitantemente.

Destarte, entender as estratégias de permanência das pessoas no lugar, proposta deste estudo, perpassa a análise do modo de vida estabelecido na relação com o Rio São Francisco, os relatos durante as entrevistas iniciais são de histórias e estórias que fazem parte da representação do sertão e servem para melhor compreender o homem sertanejo. A memória e as lembranças das representações e enfrentamentos cotidianos são recorrentes nas narrativas dos ciclos da vida. Outrossim, O rio também era visto como lugar de trabalho, são vários os relatos de moradoras que lavavam suas roupas nas pedras e águas do São Francisco. O Rio não era ou é só lazer e estrada é também trabalho e sustento, pois o pescado não só alimenta, mas garante renda na sua comercialização.

Através da oralidade a importância do rio para as pessoas que vivem às suas margens torna-se perceptível, ele foi e é um “ser” que faz a vida dos ribeirinhos. Os depoimentos, porém, relatam as modificações do rio, resultando em partidas dessas pessoas dos seus lugares de origem. Todavia, o rio e o sertão

são os elementos que tecem a vida dessas famílias no sertão molhado³⁸. Assim, para entender as estratégias de permanência dos sertanejos do Bairro Rural Sagrada Família é necessário ter em mente que todos os processos que os povos daquele lugar passam tem relação direta com o Sertão e com o Rio São Francisco, com seu sentimento de pertencimento ao lugar, e sua relação com suas festas religiosas.

³⁸ Esta categoria Sertão Molhado a que faço referência é a mesma dos antropólogos Carlos Rodrigues Brandão e João Batista de Almeida Costa, e da socióloga Andrea Maria Narciso Rocha de Paula. As discussões da categoria sertão molhado surgiram ao longo de projetos de pesquisas no Norte de Minas Gerais desenvolvidos por esses pesquisadores. Foi no desenvolvimento do projeto Opará que esses pesquisadores fizeram uma divisão geográfica para pesquisa em duas equipes: Sertão Seco, localizado para além das margens do Rio São Francisco compreendendo a região do Rio Pardo de Minas e Jequitinhonha, e Sertão Molhado/Sertão do São Francisco, localizado às margens do Rio e nas suas ilhas. O que define esse sertão molhado é o forte sentimento de pertencimento a um lugar-sertão formado pelo cerrado e Rio São Francisco. Sentimento esse que reflete numa pluralidade de traços culturais e apropriações/re-significações diversas do meio ambiente e sua própria história.

CAPÍTULO 2 - PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIDA NO SERTÃO: O BAIRO SAGRADA FAMÍLIA

Pois, minhamente: o mundo era grande. Mas tudo era ainda muito maior quando a gente ouvia contada, a narração dos outros, de volta de viagens.³⁹



FOTO 5 - Residência no bairro Sagrada Família.
Foto: Valmiro Ferreira Silva, acervo do autor, 2011.

³⁹ (ROSA, 1964, p. 194).

Ao andar à beira do Rio São Francisco encontramos vários senhores e senhoras pescando, lavando roupa ou mesmo contemplando o rio. O deparar com essas pessoas desperta o desejo de escrever sobre suas vivências, memórias e lembranças, sobre sua comunidade, o rio e as formas de viver do antes e do agora. Conhecer a realidade dos sertanejos do Bairro Sagrada Família significa compreender a constituição da cultura local e da identidade regional, marcada por cenários profundamente modificados pela modernização do Norte de Minas e por transformações nos modos de vida, em especial no que tange a interação com o meio ambiente.

Com este objetivo, além de uma sólida pesquisa bibliográfica e documental, foram realizados quatro trabalhos de campo no Bairro Sagrada Família, assim organizados: 1) Sete dias em Outubro/2012; 2) Sete dias em Maio/2013; 3) Quatro dias em Janeiro de 2014; 4) Treze dias em Abril de 2014. Este trabalho de campo deu-se com visitas ao local pesquisado, permanecendo ali e realizando entrevistas. O objetivo, como já mencionado, foi conhecer o Sertão a partir das representações que dele fazem os próprios sertanejos e da observação profunda de suas práticas cotidianas. Logo, no que concerne a metodologia de trabalho, a pesquisa qualitativa serviu de suporte para a compreensão das ações dos sujeitos por meio da observação do cotidiano, de conversas informais, entrevistas e cadernos de campo, buscou-se conhecer os discursos, as histórias, as paisagens, os ambientes, as vestimentas, e o complexo da realidade material e das ações dos sujeitos. Tudo isso relacionado ao modo de vida tradicional e ao cotidiano do lugar. As entrevistas realizadas foram gravadas com autorização dos entrevistados, todas foram iniciadas a partir de uma única pergunta que pedia ao entrevistado que contasse sua história de vida, pelo que passou até chegar ali, sua casa, família e trabalho; as outras perguntas foram surgindo ao longo da conversa buscando preencher lacunas e melhorar o entendimento sobre os modo de vida que caracteriza este trabalho.

Nesses sujeitos encontramos uma relação de simbiose com sua comunidade e com o meio ambiente, além de um conhecimento profundo da natureza e de seus diversos ciclos. Conhecimento que é transmitido pela oralidade de geração para geração.

Estudar a vida das águas e dos homens do Rio São Francisco é entendê-los como correnteza, como fluxo, como movimento, como travessia... O rio é um lugar que se permite viajar, um lugar que viaja, um lugar em movimento. A sua natureza de correnteza possibilitou que os homens construíssem suas histórias de vidas em seus espaços, num encontro de homens e águas que seguem juntos. Em geografias híbridas, ziguezagueando entre uma margem e outra, cenários de vidas, pontilhavam o tempo e o espaço das águas em movimento. (OLIVEIRA, 2010, p.43)

Bosi em seu livro *Memória e Sociedade* utiliza do Cone da Memória de Bergson para nos explicar que é do presente que se parte o chamado ao qual a lembrança responde. A lembrança pura traz à tona um momento único da vida, singular, não repetido, irreversível. Daí, também, o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória.

Falar do presente possibilita, através da memória, lembranças e oralidade, remeter a momentos vividos antes, dos tempos bons e ruins da vida. Os depoimentos orais desses sertanejos, além de fonte documental, são uma forma de apreender os sentimentos e atitudes frente ao mundo e ao seu lugar de origem, e, principalmente o sentimento de pertencimento a esse lugar.

Segundo Bosi na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. A conservação total do passado só seria possível no caso em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais da sua infância, a menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Bosi nos fala de duas

memórias possíveis: A memória-sonho que advém dos signos do passado, e a memória-trabalho que depende dos valores do presente. A memória, assim, é vista como um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento, pois, lembrança puxa lembrança. É esse conceito de memória utilizado para analisar as entrevistas realizadas.

O sertão Norte Mineiro, os sujeitos e o rio São Francisco são vistos do modo como João Guimarães Rosa os apresenta em seus “causos e prosas”, pensando-se, assim, as relações da vida cotidiana através dos círculos afetivos de interações sociais, o que nos leva a conhecer identidades, vivências e seu modo de vida. As relações sociais entre as pessoas da comunidade são perpassadas e fluem através da memória protagonizada pelos antigos. Bosi (1998) identifica a função do idoso e compara o modo de lembrar do homem adulto e do velho. Para o adulto lembrar é a hora do lazer e do relaxamento, é como se o passado fosse um sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é fato e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. Um velho, por sua vez, se encontra em outra situação, ele já viveu sua vida, ao lembrar ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da vida.

2.1 SÃO FRANCISCO: O BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA



FOTO 6 – Moradores do Sagrada Família 1) Morador Domingos, migrante temporário; 2) Natalice e seu marido Alexandre; 3) Ingrid e Bruno filhos de Natalice e Alexandre.
 FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais Outubro de 2012. 1 fotografia, color

O município de São Francisco surgiu no século XIV, é terra de Antônio Dó, sertanejo que viveu grandes embates com a polícia local, constantemente referenciado nas obras de Guimarães Rosa. A luta pela terra sempre circundou a história de São Francisco, a região foi conquistada por disputa entre bandeirantes e índios uma vez que era considerada favorável para o estabelecimento da pecuária extensiva, para o comércio e o transporte fluvial. Nessas terras, o jagunço é figura corriqueira, visto como uma espécie de guarda-costas que luta defende os interesses dos fazendeiros. Como afirma Rosa (1994, p.6) *“quem de si de ser jagunço se entrete, já é por alguma competência entrante do demônio. Será não? Será?”*.

Sobre o contexto da formação sócio histórica do lugar cabe ressaltar que

Sua fundação está ligada as dizimações de populações indígenas, camufladas eternamente pela historiografia e arraigada nos livros de história como "bandeiras" dos "desbravadores do sertão". Do início do

século XVIII até meados do século XIX a vila manteve-se num marasmo. Seu nome homenageia o rio da integração nacional, desde 1877, quando foi elevada à categoria de cidade. Antes dessa data, a cidade pertencia ao município de Vila Risonha de São Romão (atualmente apenas São Romão), também cidade histórica no Norte de Minas - onde existiu a primeira Casa da Moeda no Brasil - e, para nenhuma surpresa, menos conhecida ainda. Em 1873, transferiu-se o corpo administrativo de São Romão para São Francisco, pondo fim a uma discussão que vigorava desde 1871 sobre essa possível mudança da sede administrativa do município. Nesse período, São Francisco ainda levava o nome de Pedras dos Angicos, que começou a despontar e a servir de referência às cidades às margens do rio São Francisco. Assim, o distrito passou a ser sede e vice-versa e somente na primeira metade do século XX, que São Romão recuperou os foros de cidade, dessa vez com sede própria em seu município. (SILVA, 2012)

Atualmente São Francisco possui uma população de 53.828⁴⁰ habitantes. É um lugar culturalmente rico, onde o artesanato, a pesca e a religiosidade, marcam profundamente as suas manifestações e festas populares, acima de tudo, estas categorias definem e constroem a identidade do sujeito dali que migra. NO caso do bairro Sagrada Família não houve planejamento por parte do poder público local, os relatos dos moradores apontam uma ocupação desse território dando-se por vários motivos não administrativamente controlados: fuga de enchentes, despejo de algum outro bairro que ficava na região central da cidade e cujas casas foram “tomadas” (categoria êmica) pela prefeitura, além de conflitos pela terra travados com donos de fazendas na redondeza do bairro, entre outros do mesmo tipo.

Em meados da década de 1970, surgiram as primeiras famílias no lugar que viria a ser o bairro Sagrada Família. No ano de 1979, marcado pelas maiores enchentes das beiras do Rio São Francisco, mais famílias se instalaram ali.

...a formação do bairro Sagrada Família, na região leste de São Francisco, pode vir confirmar uma “profecia”, deste município, do final do século XIX. Em 1.897, o Presidente da Câmara Municipal e Agente Executivo de São Francisco, Coronel Jacinto Augusto de Magalhães, legitimou padrões para futuras construções da cidade, e

⁴⁰ Dados populacionais do IBGE.Censo 2010.

destinou a região leste para moradia e construção das famílias pobres. (...) a enchente foi o fator contribuinte para a concretização desta profecia excludente, preconceituosa e depreciativa. (...) Com isso, nota-se que o bairro já se constitui com elementos depreciativos impregnados sobre os moradores que povoariam este local (SILVA, 2008, p56).

Os moradores tiveram ajuda do padre Vicente Euteneur,⁴¹ responsável pela paróquia local que os auxiliou na organização e ocupação do lugar. Foi através de mutirão que as casas foram construídas.

A casa que a gente morava era simplesmente um quarto, uma sala e uma cozinha pequena. Era de tijolo mesmo, porque foi um padre que fez na época. Porque a gente morava no bairro Bandeirante, mas eles despejaram a gente porque *precisava*⁴² daquelas terras e *despejou* o povo de lá, lá *chamava-se* papelão, porque as casas eram realmente muito precárias. As que não eram de papelão, eram de enchimento. A nossa, lá, era de enchimento. Ai quando eles despejaram, despejaram a gente pra cá. A gente ficou morando aqui numas barracas que o exército trouxe, moramos bem um tempo. Aí um padre, um santo padre, começou a fazer uns barracos pra gente. Eu lembro, a gente tudo pequenininho tendo que ir lá no rio pegar água, e juntava todo mundo num mutirão: menino com tamborzinho, gente com tamborzão, *enchia os tambor* de uma casa, depois enchia o tambor de outra casa, era um mutirão até encher tudo. (Izilda, 37 anos, moradora do Bairro Sagrada Família, Outubro/2012)

O mutirão, nas palavras de Candido (1964) seria o ato ou a solução para a falta de mão-de-obra nos grupos isolados;

(...) consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, ficção etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o

⁴¹ Nascido na Alemanha no dia 09 de junho de 1930, num povoado de nome Riacho verde.

Chegou a São Francisco em, 1965, sendo pároco em 1971. Fundador do bairro Sagrada Família.

⁴² Optei por manter os registros das variações lingüísticas de meus interlocutores para resguardar, o mais possível, a integralidade de sua oralidade. Todavia, no texto escrito apresento-as em formato itálico, mesmo procedimento que adoto para as categorias êmicas e quaisquer outras palavras de língua estrangeira.

beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho (CANDIDO, 1964)

O diferencial desse mutirão é que a forma de pagamento não é em dinheiro. O que move essas pessoas é uma consciência moral em relação ao outro, é a troca de favores (dádiva, reciprocidade) que é constante entre os camponeses que vivem da agricultura familiar e não dispõem de mão-de-obra suficiente para dar conta do plantio e demais atividades. As decisões fazem parte da coletividade do grupo, “a religião, política, lazer, tudo serve de ocasião para agrupamentos e reuniões, e as próprias questões familiares transbordam do núcleo para se tornar problemas que interessam à comunidade toda” (Queiroz, 1963, p.58).

Os religiosos da paróquia de São José que estavam à frente desses mutirões auxiliando nas construções dessas casas em uma região fora do perímetro urbano, um terreno rodeado de pequenas e médias fazendas e margeado pelo prédio das Indústrias Alimentícias Itacolomy – ITASA⁴³.

Popularmente o bairro Sagrada Família é conhecido na cidade como ITASA, pelo fato de se encontrar nas redondezas do que um dia foi a Indústria da Nestlé que manteve-se ativa até meados da década de 1990; hoje o prédio dá lugar a uma Escola Municipal. Com o passar dos anos e com o crescimento do número de famílias naquele bairro surgiram algumas ruas que lentamente estão sendo asfaltadas. O acesso ao bairro é precário, possível, somente, por duas avenidas que foram recentemente pavimentadas, uma é conhecida como Avenida Perimetral e a outra, trata-se a verdade, da BR MG 161 que liga os municípios de Januária e de São Francisco.

Agora que esse bairro cresceu, *teve* muitas doações de lotes aqui. Aqui cresceu muito! Aqui precisa de um posto policial, de um posto de saúde, de um hospital bom. Aqui, pra mim, eu acho que precisava também de uma lotação, porque fica muito longe do centro da cidade.

⁴³ Essa empresa fundada em 1980 foi comprada pela Nestlé em 1983.

São Francisco está ficando grande, mas não tem envolvimento de nada. (Domingos, 36 anos, morador do Bairro Sagrada Família, Maio/2013)

A maioria das ruas do bairro é de *terra solta* (categoria êmica), muitas delas são pouco iluminadas. O deslocamento das pessoas, na maior parte das vezes, é realizado com bicicletas ou a pé, uma minoria pontual possui algum veículo automotivo. O relato do morador Domingos rememora os tempos iniciais da atual estrutura do bairro:

Antes tudo era roça. Aqui era roça nesse bairro. Aqui era tudo roça. Tinha até onça aqui. Bicho de caça tinha muito! Eu sempre morava aqui. Aqui tinha *pau preto* (categoria êmica que nomeia determinado tipo de árvore da flora local), pra lá você não via uma estrada, era só mato. A velha mais velha aqui do bairro tem mais de cem anos e conversa numa boa pela idade, 103 anos ela tem. E tem seu Zé Preto que e é mais velho e conhece muitas coisas, mora ali pra lá de uma *casenga* (categoria êmica que quer dizer casebre). Tinha uma *casenga* aqui que era onde eu morava antes. Quando eles *fez* isso aqui tudo eu lembro. (Domingos, 36 anos, Maio/2013)

Segundo relatos dos moradores a *luz* (aqui considero o termo como categoria êmica por significar o fornecimento de energia elétrica para as residências, contudo, a palavra “luz” em muitos outros lugares do Brasil também significa o que aqui quer dizer) e a iluminação pública só “apareceram” (termo dos próprios moradores) depois do ano de 2002. Com isso o número de famílias residentes no bairro cresceu consideravelmente. O único espaço de lazer que os moradores possuem é a quadra poliesportiva construída pela prefeitura, apesar de apresentar-se em condições precárias para o uso, uma vez que a construção foi danificada pelas chuvas e intempéries. Esta quadra poliesportiva está localizada nas proximidades da Igreja Católica, do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, do posto de Estratégia de Saúde da Família - ESF/Sagrada Família (implantado e gerenciado pela Secretaria

Municipal da Saúde), também, e por fim, do Clube Campestre da Associação Atlética do Banco do Brasil cujo acesso é restrito a seus sócios o que, invariavelmente, exclui a comunidade no qual está circunscrito, sem contudo nela inserir-se, uma vez que a população não participa das suas atividades de lazer. Ao andar pelas ruas do bairro Sagrada Família encontramos casas simples, separadas em geral por cercas de arame ou, em alguns casos, de muros baixos. É importante entender esse processo de ocupação para a compreensão e análise da construção da identidade das pessoas que dotaram de significados o lugar em que moram. Entendo esta identidade a partir do conceito proposto por Oliveira⁴⁴ (1976, p. 4) no qual ela se configura como bidimensional: contempla o aspecto pessoal (individual) e o social (coletivo). Ambos os aspectos dialogam entre si, o que nos permite tomá-los como dimensões de um mesmo e inclusivo fenômeno, situado em diferentes níveis de realização.

A identidade social aparece, pois, como uma atualização do processo de identificação e pressupõe a noção de grupo. É um reflexo da identidade pessoal (...). Conferir identidade a grupos requer a eleição de aspectos que lhes concedam individualidade e os destaquem frente a outros grupos; consiste em ressaltar suas características. (WANDERLEY; MENEZES, 1997, p. 19).

No Bairro Sagrada Família a migração temporária tornou-se um meio pelo qual as pessoas ganham seu sustento sem abandonar o seu lugar de origem, nessa migração, porém, os símbolos, os discursos e as práticas sociais se consolidam na memória e nas representações sociais vinculadas ao território e ao lugar. Em consonância com esta minha observação de campo Diegues (2001) cita Redfield para afirmar que a cultura das sociedades camponesas não é autônoma, pois para se manter como tal, a cultura camponesa requer contínua comunicação com outra cultura.

⁴⁴ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo: Pioneira, 1976.

O bairro Sagrada Família tem características reconhecidas no dizer e no fazer dos moradores, nesse contexto possui uma tradicionalidade demonstrada em seus padrões de cultura singulares e na reafirmação dos seus valores. Dessa forma, aplicam-se a estas pessoas as afirmações de Diegues:

Os camponeses, segundo Firth (1950), ainda que dependam fundamentalmente do cultivo da terra, podem ser pescadores, artesãos, extrativistas, segundo as estações do ano e a necessidade de obtenção de dinheiro para suas compras na cidade. (...) Culturas tradicionais nessa perspectiva, são as que se desenvolvem dentro do modo de produção da pequena produção mercantil (Diegues, 1983). Essas culturas se distinguem das associadas ao modo de produção capitalista em que não só a força de trabalho, como a própria natureza, se transforma em objeto de compra e venda (mercadoria). Nesse sentido, a concepção e representação do mundo natural e seus recursos são essencialmente diferentes. Um elemento importante na relação entre populações tradicionais e a natureza é a noção de território que pode ser definido como uma porção da natureza e espaço sobre o qual uma sociedade determinada reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso sobre a totalidade ou parte dos recursos naturais aí existentes que ela deseja ou é capaz de utilizar (Godelier, 1984). Essa porção da natureza fornece, em primeiro lugar, a natureza do homem como espécie, mas também: 1 - Os meios de subsistência; 2 - Os meios de trabalho e produção; 3 - Os meios de produzir os aspectos materiais das relações sociais, os que compõem a estrutura determinada de uma sociedade (relações de parentesco etc). (DIEGUES, 2001)

No Sagrada Família as condições de acesso à saúde, educação e lazer são precárias, as difíceis condições financeiras e a falta de emprego e renda aproximam as pessoas que vivem no lugar e fomentam a realização das migrações. Os modos de vida são diversos, mas os sonhos são os mesmos: o aumento da renda para melhorar a vida da família e sua permanência no lugar. Melhorar a vida, para os entrevistados, muitas vezes é poder ter uma casa organizada com espaços definidos, ou ter a certeza de que os filhos terão acesso à educação para obter uma formação profissional que lhes assegure proteção contra o sol, é, ainda, a possibilidade de se adquirir artigos como fogão,

geladeira, televisão, antena parabólica, motocicleta, micro-ondas ou um computador.

É o *arrumar serviço* que move essas famílias, o trabalho é um valor de vida que dá possibilidades. Muitos daqueles que partem, retornam, e muitos dos que ficam vivem para esperar a volta daqueles que saíram para a *lida* (categoria êmica que significa o trabalho do dia-a-dia).

2.2 TRABALHO E MIGRAÇÃO TEMPORÁRIA



FOTO 7 – Trabalho na Lavoura de batata na empresa ADF em Cristalina-GO.
FONTE: Arquivo pessoal de Izilda moradora do Bairro.

A experiência da migração reverbera, não só naquele que migra, mas também na família do migrante que fica no lugar de origem. Desse modo, minha percepção da migração no bairro Sagrada família é a de deslocamentos

realizados por indivíduos que saem do seu lugar temporariamente, este fato ocorre com frequência no Norte do estado de Minas Gerais. A migração é vivida como meio de sobrevivência e também como resistência. Assim, cabe neste trabalho a adoção da concepção de migrante de SILVA (2008), na qual o migrante é também um fruto das relações sociais de produção:

Considera-se o migrante sob duas óticas: inicialmente, trata-se de um (a) trabalhador (a) produzido no bojo de determinadas relações sociais, resultantes de processos de violência e expropriação. O migrante acha-se inserido numa realidade social, definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social e cultural. Portanto, a denominação abstrata de migrante esconde o conjunto de situações concretas e particulares, que definem sua identidade individual e social. Essas duas perspectivas conduzem a reflexões, segundo as quais, os fatores econômicos não são os únicos a serem levados em conta na análise da migração e dos migrantes. (SILVA, 2008, p.6)

Para melhor pensar esta perspectiva da produtividade vale considerar que a modernização decorrente do pós - 1930 brasileiro, teve seus primeiros anos marcados pela expansão industrial na qual o valor da produção industrial do país ultrapassou o das safras agrícolas. Segundo Werneck Vianna (1978), a revolução pelo alto diz respeito ao fato de o Estado encabeçar a modernização no país ascendendo os interesses da indústria “na nova configuração estatal”. Assim, o caso do Brasil é visto singularmente, pois, o setor de agro-exportação que à época era mais bem estruturado que outras indústrias, foi desalojado.

Mas o domínio do aparelho do Estado por parte dessa elite “atrasada” no econômico lhe vai facultar um percurso extremamente rápido no sentido de adoção de novos papéis econômicos, como o do empresário agrícola, do industrial ou do financista. (WERNECK VIANNA, 1978)

O que fica claro nesse processo de modernização do Brasil, segundo o autor, é que a revolução pelo alto permitiu uma política intervencionista do Estado nos fatores de produção e na força de trabalho industrial. Dito isso, somando-se as reflexões realizadas em nosso primeiro capítulo, pode-se, então, inferir que o fenômeno migratório está envolvido em processos e relações sociais muitas vezes invisíveis nos números divulgados pelas instituições de pesquisa. Este fato ratifica a necessidade de se pensar o fenômeno migratório por meio dos relatos das pessoas que se encontram inseridas nestes processos.

Complexificando a questão, vê-se em Paula (2009) uma reflexão na qual a categoria migrante é marcada pelo caráter imaginário do pertencimento ao lugar de origem e à família, fazendo assim com que a identidade desse migrante possua uma dinâmica na forma como encara os diversos movimentos que realiza. As reflexões dessa autora, assim como as nossas, encontram aporte teórico em “A natureza do espaço” de Milton Santos (1999), no que tange a compreensão do ir e vir das pessoas do sertão e suas resistências. Nesse sentido, destacamos o viver comum reproduzido em diversos aspectos como as posturas adotadas no trabalho, os comportamentos em casa ou em outros lugares.

É necessário, ainda, diferenciar os tempos e espaços vividos no contexto da vida social dos sujeitos migrantes, sempre pensando em seu lugar de origem e nos seus lugares de destino: as chegadas e as partidas e os vários níveis que esse deslocamento implica. Assim o migrante é, não só fruto do seu lugar de origem, mas também das influências do mundo em que vive e com que convive. Santos (1999) nos apresenta esse mundo como sendo um aglomerado de possibilidades, no qual nos encontramos em tempos de mudanças proporcionados pela mobilidade dos indivíduos:

Circulação é mais criadora que a produção. Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. (...) O presente não é um resultado, uma decorrência do passado, do mesmo modo que o futuro

não pode ser uma decorrência do presente, mesmo se este é uma "eterna novidade", no dizer de S. Borelli. O passado comparece como uma das condições para a realização do evento, mas o dado dinâmico na produção da nova história é o próprio presente, isto é, a conjunção seletiva de forças existentes em um dado momento. Na realidade, se o Homem é Projeto, como diz Sartre, é o futuro que comanda as ações do presente (SANTOS, 1999, p. 222).

Os sertanejos de que trata esse trabalho hoje migram pensando em garantir a produção de vida para suas famílias e em melhorar seu futuro, sempre tendo como referência aquilo que foi vivido e que faz parte do seu passado. O lugar onde hoje é o bairro rural Sagrada Família está localizado a poucos metros das margens do Rio São Francisco e passou a existir após um esforço coletivo que se identificou com aquele lugar, com as possibilidades de ali reproduzir seu modo de vida, o que nos leva a refletir sobre território e territorialidade, aqui considerados no mesmo sentido tomado por LITTLE (2002) no qual a territorialidade é um movimento de uso e ocupação de um lugar que faz daquele lugar o território de alguém ou de um grupo. Esta reflexão sobre territorialidade compreende e reconhece a realidade sociocultural presente na comunidade construída no bairro, onde os embates sociais, culturais e econômicos modificam as relações com o lugar, bem como os modos de vida dos sujeitos que partem e dos sujeitos que ficam, todavia, o sentimento de pertencimento ao rio e à região não deixa de existir.

A migração temporária, como se vê, vai para além da pessoa que realiza o movimento, ela também se caracteriza pelo universo social em que está inserida, de região para região, de lugar para lugar, de um tempo a outro. As lógicas da temporalidade se alteram de acordo com a mudança dos cenários, “migrar temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes, temporalidades dilaceradas pelas contradições sociais”

(MARTINS, 1986, p. 45). Essa migração tornou-se o meio dessas pessoas ganharem seu sustento sem abandonar o seu lugar de origem.

E era ao pôr-do-sol que as aves apareciam. Indo ou voltando, para que paragens, bandos e bandos. Garças, araras, patos, papagaios, em grande algazarra, buscando agasalho para a noite. Pernaltas cor-de-rosa paravam em grupos, nas coroas de areia, e pareciam buquês de peônias. Pensei que fossem flamingos, depois soube que não. São os guarás, ou íbis vermelhos. E pelo rio abaixo, pássaros-pretos, tucanos, sanhaços, bem-te-vis. Sem falar nos canários, nos sabiás, nas perdizes, nos periquitos. E no nosso João-de-Barro, com sua casa caprichada, de delicada e sólida engenharia (CAVALCANTI, 1998, p.33)

Andar pelo Bairro Sagrada Família na busca de me reconhecer enquanto pesquisadora daquele lugar, mas, acima de tudo, daquelas pessoas, foi um processo lento que com o apoio de algumas agentes de saúde pude vivenciar, uma vez que a minha referência e a minha presença naquelas ruas eram diretamente vinculadas a aquelas que me introduziram naquele universo de histórias de vidas interconectadas. Assim, ao analisar a arquitetura daquelas casas pude notar enormes semelhanças. Todas são simples, feitas de tijolos e telhas de amianto (algumas poucas com telhas coloniais), eram somente rebocadas em sua maioria (sem pintura), separadas por cercas de arame, ou, em alguns casos, por um muro baixo. Casas totalmente muradas e pintadas existem, mas, muito poucas no bairro. Nos relatos dos moradores em entrevistas e conversas informais me foi revelado que apenas nos últimos trinta anos puderam melhorar a construção de suas casas que anteriormente eram construídas de adobe. Algumas pessoas conseguiram a casa por doação da Igreja Católica, outros, por doação de anônimos e até mesmo por mutirões realizados ano após ano pelos moradores do bairro. Foi muito comum nas casas visitadas a ausência do marido e dos filhos jovens adultos que foram trabalhar nas *firmas*, termo utilizado para tratar das fazendas de grandes lavouras.

Um morador do bairro conhecido como *Seu* (Sr.) Pedro Verde, de 60 anos, relata que desde a sua época de solteiro ele saía de São Francisco, *às cegas*, procurando trabalho nas fazendas que tinham grandes lavouras e monoculturas e que ofereciam oportunidades de trabalho braçal, fosse na colheita, no plantio ou no roçar da terra - processo de limpar o terreno em que acontecerá o plantio -. Assim, também seu sogro, filhos, genros e sobrinhos, todos sobreviveram, e alguns ainda sobrevivem, principalmente do dinheiro arrecadado nos trabalhos nas *firmas*.

Seu Pedro, a todo momento, bendiz com um “Graças a seu Deus”, o fato de ainda existirem os trabalhos nas *firmas* que “é sofrido”, mas sustenta as esposas, os filhos e velhos que permanecem no bairro. O motivo das saídas, como já apontado, é o fato de que a cidade não incorpora homens e mulheres em idade produtiva para o trabalho no setor de serviços, na agropecuária ou na indústria. *Seu* Pedro afirma, ainda, que sua profissão é, e sempre foi a de pescador, mas como hoje há poucos peixes e muitos pescadores, ao contrário de antigamente quando havia muitos peixes e poucos pescadores, lhe foi necessário partir para outras *labutas* e outros serviços. Hoje *Seu* Pedro já não migra mais, voltou a viver de suas atividades de pesca e de benefícios de programas sociais. Passei várias tardes com ele (*Seu* Pedro) e Dona Altamira, sua esposa, andando por casas, participando de rodas de conversa nas quais homens e mulheres relatavam as histórias de vida de suas famílias que, muitas vezes, coincidem umas com as outras.



FOTO 8 - *Seu Pedro Verde* na varanda da sua casa e seu instrumento de trabalho.
 FONTE: LUZ, Thaís. Norte de Minas Gerais, Outubro de 2012. 1 fotografia, color

Na maioria das casas é muito comum que os homens façam mais uso da palavra, assim, com muita tranquilidade *Seu Pedro Verde* narra sua infância:

A gente morava ali de agregado nas fazenda de um pessoal, trabalhamos surrado, tudo quanto e coisa lá era *nós* que fazia, roncando toco de enxadão, pegava hectare por hectare *rancando* toco. Era roçando, era ganhando *pregada* de marimbondo, era bicho *ferrando* a gente. Dormia em cima de um couro de boi, nos *morava* ali nas *roça*, já passei fome. Tinha um fazendeiro, que tinha lá, que nessa época eles não faziam conta do leite que tinha, assim, a gente vivia, passava lá, pegava o leitinho, fervia o leitinho, ali e era na roça puxando enxada. Eu tenho minha profissão, que eu sou pescador, eu pesco aí, era trabalhando na roça e na beira do rio pegando o peixinho pra gente tomar o caldo, tinha *vez* que nem farinha tinha, ou assava o peixe, ou tomava o caldo. Onde nós *dormia*... Oh Jesus, hoje *tá* até bom! Pra nós *estudar*, nós chegava pra estudar lá, com um caderninho desse da época minha, meu pai chegava e comprava um caderno e chegava lá a professora tinha que dividir e tirava duas folhas pra cada um, pra nós *estudar*, estudava até meio dia. Lá pras *roça* quando a gente chegava lá, mais de meio dia, não tinha era quase nada, tinha uma favinha sem gordura. Era lá, um dia, que gente comia bem, era tudo temperado com sebo de boi, comprava um quilo de sebo de boi pra durar uma semana, chegava ali comia aquela coisinha e já ia era pra roça mais pai, quando terminava nós *ia* pra lagoa... Teve um tempo que eu comecei a trabalhar nessas *firmas* pra lá pra fora, enssa região de São Gotardo, hoje mesmo tem um bocado pra lá, outros pra lá de

Brasília-DF, pra trabalhar em lavoura, e cortando alho, colhendo alho, colhendo batatinha. Depois que eu casei, e no dia que a mulher ganhou meu filho mais velho, eu estava no mundo mexendo com plantio de eucalipto *pro lado de Montes Claros*, levantava de manhã debaixo de chuva e quanto mais estava chovendo, mais eles *levava* nós pro campo. A outra, minha menina mais velha, quando Mira ganhou *ela*, porque nessa época não tinha negócio de telefone não, tinha nada disso, era só carta, eu estava *socado* dentro de Unaí, pra lá trabalhando, eu mais meu sogro. Quando eu cheguei a mulher já tinha 35 dias que tinha ganhado a criança, sofrendo. Hoje e agora não! Não *tá* bom, mas não *tá* ruim. Hoje a coitadinha da minha mulher *está em cima de problema* de diabete, *em cima* de remédio, só come coisa integral, pão integral, arroz integral, suco de couve, mas também já trabalhou demais, coitada, na roça, ela levava os *menino* na roça, forrava um pano numa moita lá e deitava *eles* lá e ia *puxando* enxada. (*Seu Pedro Verde*, 60 anos, morador do Bairro Sagrada Família, Janeiro/2014)

Seu Pedro e Dona Altamira tem um filho, que é encarregado de campo na empresa chamada ADF, localizada na região de Cristalina em Goiás, esta empresa transporta mais de cinco ônibus por ciclo da lavoura de batata. Com Izilda, esposa do Darlan, outro encarregado de campo, colega do filho de *Seu Pedro* na ADF, consegui entender o que esse trabalho de encarregado de campo significa na prática. Segundo Izilda, e também outros jovens trabalhadores da ADF que conheci, há pouco mais de dez anos o encarregado de campo era chamado de *gato*, uma pessoa que chegava até o município para recrutar interessados em trabalhar nas *firmas*. Esse *gato*, então, recebia pra ir até o lugar e organizar uma *turma* de pessoas que vai viajar para o trabalho. Com as primeiras mudanças das empresas, há alguns anos atrás, esse *gato* saiu de cena dando lugar ao chamado fiscal, que também recrutava os grupos de pessoas para trabalhar em *firmas* e fiscalizava seu serviço nas lavouras. Com as últimas mudanças e a modernização dessas empresas o fiscal passou a ter carteira de trabalho assinada e passou, então, a ser nomeado, com o título da categoria constante em sua carteira de trabalho, ou seja, encarregado do campo. Sua função, todavia, é a mesma de seus antecessores, o *gato* e o fiscal, ir até sua

cidade ou lugares que conheça, selecionar pessoas que vão trabalhar na *firma* sob sua fiscalização no campo. As *turmas*, agora chamadas de equipes, que são recrutadas pelo encarregado são de 80 a 100 pessoas, caso o trabalhador não *saia* como o planejado é sua, do encarregado, a responsabilidade de fazer com que ele, o trabalhador, volte pra casa ou desempenhe sua atividade de acordo com as normas exigidas pela empresa.

Assim, o encarregado de campo ocupa um lugar de poder no bairro, pois os jovens precisam dele para conseguir trabalho nas *firmas* e estar em boas equipes de trabalho⁴⁵, além disso, essa distinção do cargo reverbera também na posição que a família do encarregado ocupa na sociedade local⁴⁶. As melhores casas do bairro, na visão dos próprios moradores, são dos encarregados do campo, a casa deles tem muro alto e pintado, é de alvenaria. Seus filhos permanecem no município para estudar.

Curiosamente, durante minhas idas a campo nunca fui recebida por um encarregado de campo, as informações que tenho foram relatadas por suas esposas e familiares. No bairro Sagrada Família tomei conhecimento da existência de três encarregados de campo, e também de uma mulher, da família de *Seu* Pedro Verde, cujo título dado pelas pessoas do lugar é o de *gato*, e que trabalha para *firmas* da plantação de alho dentro do próprio bairro. Um jovem de 24 anos que preferiu não se identificar, relatou-me que, surpreendentemente, desde o final de 2012 passaram a recrutar trabalhadores nas terras de quilombos pertencentes ao município de São Francisco, porque quase todos os trabalhadores do bairro já estavam no *trecho*⁴⁷ trabalhando pra outra *firma*.

⁴⁵ Uma boa equipe de trabalho é aquela em que sua composição é feita por homens que tem, na visão do empregador, bom desempenho no campo, eles plantam e colhem quantias significativas por dia.

⁴⁶ Registro, nesse sentido, o fato de que muitos de meus interlocutores, ou seja, pessoas que se autorizavam a narrar a vida do lugar, são de famílias que ocupam esse lugar de poder.

⁴⁷ Como já pontuei em nota de rodapé anterior, seguir o trecho é como as pessoas da região se referem ao ato de sair do município e ir em direção a outros lugares para trabalhar e garantir renda para sustentar sua família.

Izilda nos relata que quando se casou com seu marido, Darlan, ele já se sustentava com o trabalho temporário nas *firmas* e passou, então, a manter a nova família com o mesmo trabalho.

Eu casei com 21 anos. Foi tão interessante, assim, que meu marido, depois que a gente namorou bastante, ele foi embora e ficou fora daqui cinco anos, ele foi morar lá no estado de Goiás. Ficou cinco anos pra lá. Aí ele voltou pra cá e a gente reatou e com um ano de namoro nos casamos. Aí, agora nesse mês, dia 27 de outubro de 2012, a gente faz 15 anos de casado. E estamos juntos graças a Deus! Quando nos casamos, foi meio complicado. A gente foi morar na casa de minha mãe, minhas coisinhas ficaram encaixotadas porque a gente foi morar na casa de minha mãe. A gente até conseguiu um barraco aqui, mas bem precário. As portas eram de caixote, tive que vender uma bicicleta que eu tinha de solteira pra colocar água e luz no barraco. Mas, assim, as portas de caixote, as telhas eram precárias, você não podia olhar pra cima que caia farelo dentro do seu olho. Eu já tinha uma menina e estava grávida do meu segundo filho. E meu esposo sempre nessa vida de viajar. Quando a gente reatou pra casar ele já viajava a trabalho nas *firmas*. Mas, antigamente não era assim confortável em ônibus não, era em *pau de arara* mesmo. Era viajar pra trabalhar nas firmas em colheita e plantação. Às vezes esses *pau de arara* vinha com um baú e quando você abria lá dentro *estava* as tábuas atravessadas que eles iam viajar lá *sentado*. Era tudo irregular. Mas graças a Deus, lá melhorou bastante. (Izilda, 37 anos, moradora do Bairro Sagrada Família, Maio/2013)

Assim, nos relatos das mulheres do bairro a manutenção e a melhoria da casa coincidem com a transformação do fiscal/*gato* em encarregados de campo e com a melhoria das condições e valorização do trabalho dos seus maridos e pais.

Nos últimos vinte anos a saída para o trabalho temporário só acontece em grupo; nenhum dos moradores sai mais *às cegas* à procura de um emprego. Somente em meados da década passada os trabalhos passaram a ter o conforto do ônibus regular, do uso de uniformes, de calçados e bonés apropriados para o trabalho, assim como a existência de roupas de cama e colchões instalados nos alojamentos agora construídos para abrigar as centenas de trabalhadores arrebanhados por essas empresas. Os migrantes do bairro já tem destino certo,

vão para a colheita da batata na empresa ADF Comercial⁴⁸, ou vão para o plantio e colheita do alho em São Gotardo.

Outra mudança nas condições de trabalho aconteceu na relação com à forma de negociação de trabalho, a maioria dos empregados agora tem contrato de trabalho assinado que regulamenta as condições de trabalho e as formas de pagamento, sem mencionar o seguro para acidentes que acontecem durante o trabalho. Mesmo com essas modificações apenas uma minoria possui carteira assinada, que garante o salário até em períodos de pausa do trabalho na lavoura. Contudo, as condições de trabalho não são as melhores. Muitos trabalhadores não usam equipamentos de segurança afirmando que eles diminuem a agilidade do serviço, o que, ao final do contrato diminui seu bom rendimento e seu salário, com esta mesma preocupação os trabalhadores realizam longas jornadas diárias com pausa apenas para as refeições e sem um controle efetivo destes excessos e insegurança.

Na visão dos que partem, a introdução das máquinas nas lavouras tem diminuído as opções de trabalho e as formas de manipulação da terra e do alimento tem causado alguns problemas de saúde:

Hoje a gente sai pra trabalhar nessas firmas ai oh, e tá tendo muita máquina, tem acabado o serviço braçal. Antes o povo ia arrancar feijão até pro rumo do chapadão, hoje ainda existe mas é bem menos, então tá tendo muita máquina. Já tá tendo máquina mesmo de amarrar o alho, só não tem a máquina ainda - que eles não inventaram - de cortar o alho e nem de plantar. Mas a de batata já tem a de plantar, tem a plantadeira. Hoje em dia tem o maquinário todo e antes não tinha era tudo no braço. E hoje ainda tem uma coisa, que antes, o povo antigamente era mais sadio que a gente, porque eles eram mais sadio que a gente? Porque tudo hoje em dia e através da droga. O que você come hoje em dia, nunca é algo natural, é tudo através do veneno. Tem tanta química, tóxicos, que fazem mal pra gente, pra nossa própria saúde,... Igual mesmo a gente trabalha pra fora e a gente

⁴⁸ Empresa produtora de alho, batata e cebola em Cristalina-GO, cuja sigla ADF não possui significado divulgado. Tanto a razão social da empresa, quanto o nome fantasia são representados por ADF. Os trabalhadores supõem que seja uma referência a um grupo de Agricultores do Distrito Federal.

reclamou né, porque ali você tá trabalhando na roça e um filho de uma égua de um tratorista – que me perdoe – ele ia chegando já batendo o veneno, e você tá ali suspirando; o respiratório seu lá ... quando a gente ficava cortando, leirando eles vinham batendo... ai hoje que não tá fazendo isso mais porque a gente reclamou e eles pararam né. A gente reclamou, teve muita reclamação sobre esse assunto, porque isso faz mal pra gente, pro organismo da gente, eu mesmo já mexi muito com veneno. Batendo veneno assim oh. (Domingos, 36 anos, morador do Bairro Sagrada Família, Janeiro/2014)

É nos relatos dos moradores que consegui construir um calendário do plantio e colheita da batata e alho, que são os produtos alimentícios que mais empregam moradores do bairro Sagrada Família no trabalho temporário de lavouras.

O plantio do alho acontece nos meses de março e abril. A colheita do alho acontece do mês de junho ao mês de setembro. Geralmente entre os meses de outubro e novembro alguns trabalhadores voltam para as fazendas para cortar o alho que vai para a câmara fria e será utilizado no próximo plantio.

O plantio da batata é feito pelas máquinas no mês de outubro ao mês de dezembro; os trabalhadores temporários vão para a colheita que ocorre entre os meses de fevereiro a setembro.

Em ambos os contratados, tanto para plantio quanto para colheita, trabalham 45 dias diretos, aí o prazo vence e é acertado com cada um os valores referentes ao rendimento do seu trabalho: no plantio eles recebem por metro quadrado plantado e na colheita recebem por caixa coletada⁴⁹.

Feito o acerto os contratados voltam pra casa e descansam por uma semana; após o descanso eles retornam para a lavoura e trabalham mais 45 dias, recebem o acerto salarial e descansam mais uma semana em casa. É sempre assim até vencerem todos os prazos de colheita e plantio.

⁴⁹ Os entrevistados tiveram dificuldades em informar o valor que recebem por metro quadrado plantado ou por caixa de alimento coletado. Não consegui ter acesso aos contratos para verificar os valores, pois os mesmos ficavam nas mãos dos encarregados de campo. Mas é consenso da comunidade que o valor não passa de R\$0,50 (cinquenta centavos).

	ALHO	BATATA
JANEIRO	-	-
FEVEREIRO		COLHEITA
MARÇO	PLANTIO	
ABRIL		
MAIO	-	
JUNHO	COLHEITA	
JULHO		
AGOSTO		
SETEMBRO		
OUTUBRO	COLETA E PREPARO DO ALHO PARA PRÓXIMO PLANTIO	PLANTIO (ESTE É FEITO PELAS MÁQUINAS)
NOVEMBRO		
DEZEMBRO	-	

QUADRO 1 - Calendário do plantio/colheita de alho e batata.



FOTO 9 - Família de Izilda morador do Bairro Sagrada Família. 1) Izilda e seus três filhos na casa antiga; 2) Moradora Izilda no ano de 1994, quando a casa ainda era um 'barracão'; 3) Izilda com o fogão de tambor que tinha na casa antiga.; 4) - Izilda e seu marido Darlan (migrante temporário e encarregado do campo); 5) Filhos de Izilda na casa antiga; 6) Izilda e seus filhos na casa atual.

FONTE: Arquivo pessoal de Izilda.

2.3 O GRANDE SERTÃO E AS ESTRATÉGIAS PARA/DE PERMANÊNCIA

No Bairro Sagrada Família, durante o trabalho de campo, nas diversas situações, os entrevistados mencionavam de uma forma ou outra o quanto era importante na família receberem principalmente o Bolsa Família.

Agora não ele [o marido] tá pra firma, eu já compro minhas coisinhas, minha bolsa família foi aprovada também. Bolsa família não é muito difícil não. Eu pedi esse ano e consegui. O bolsa família ajuda uns quase duzentos reais. E uma ajuda boa. Aqui todo mundo tem bolsa família. Eu tenho o cartão cidadão pra pegar o bolsa família, e como eu tenho um menino na escola eu já recebo mais um pouco. Aqui a maioria dos maridos vai tudo pra firma. Dá pra criar os filhos assim. A mulher tem que lutar, o marido faz falta mas quando chega com o dinheiro né é outra coisa... (Jaqueline, 23 anos, moradora do Bairro Sagrada Família, Outubro/2012)

Eu viajo e faço uma feira grande e deixo aqui, aí minha mulher recebe o bolsa família, que já é uma ajuda. Quando foi agora ela arrumou um emprego na prefeitura de meio período, ficou onze anos só trabalhando dentro de casa. (Domingos, 36 anos, morador do Bairro Sagrada Família, Maio/2013)

Nas falas dos entrevistados existem duas marcações: o tempo de antes e o tempo de agora. A marcação de diferença entre um tempo e outro se dá com a implementação dos programas sociais: luz para todos, água para todos, bolsa escola, bolsa gás e, especialmente, o bolsa família.

No tempo de antes os trabalhadores iam para as lavouras, ficavam distantes de casa entre 60 e 90 dias, não havendo como fazer contatos para obter notícias da família, poucos conseguiam se comunicar por cartas. As famílias que permaneciam no sertão compravam alimentos básicos (arroz, feijão, farinha, macarrão, óleo, açúcar) utilizando-se de crédito nos mercados do bairro. Passados entre 30 e 40 dias após o início da viagem dos maridos, as mulheres não conseguiam mais comprar no mercado porque precisavam quitar o débito já adquirido. Esse débito, porém, só era quitado quando o marido voltava das *firmas* com o dinheiro do seu trabalho. Como os trabalhadores não podiam

mandar o dinheiro pra casa por vários fatores, entre eles o fato de que alguns trabalhadores só recebiam seu acerto no dia de voltar pra casa, outros não tinham alguém de confiança para transportar o dinheiro, eles passaram a contar com a ajuda de caminhoneiros que saiam da região em que estavam trabalhando com destino ao sertão norte-mineiro. Assim, muitos trabalhadores mandavam para suas famílias sacos de arroz, feijão, farinha e até mesmo latas que continha ovos embalados em areia.

O tempo de agora, por sua vez, é marcado por uma segurança proveniente do Bolsa Família. No período em que os migrantes estão na lavoura a família consegue manter-se em seu lugar com alimentos e remédios, não só pela compra a crédito mas também pelo suporte financeiro que o programa oferece.

No quadro abaixo, procurei exemplificar com dados do (MDS) a incidência do PBF em Minas Gerais e em São Francisco-MG.

INDICADORES DE BENEFICIARIOS DO PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA DE MINAS GERAIS E DE DOIS MUNICÍPIOS DO MÉDIO SÃO FRANCISCO		
INDICADORES	MINAS GERAIS	MUNICIPIOS DO ALTO MEDIO SÃO FRANCISCO
		SÃO FRANCISCO-MG
Nº DE FAMÍLIAS BENEFICIARIAS	449.642	7.261
BOLSA FAMÍLIA - MONTANTE EM BENEFICIOS (R\$)	52.488.913,00	980.326,00
POPULAÇÃO	19.597.330	53.828

QUADRO 2 - Indicadores de beneficiários do Programa Bolsa Família de Minas Gerais e de São Francisco-MG.

A incidência do PBF no estado de Minas Gerais é de aproximadamente 6,9% da população do estado. No que tange ao o município de São Francisco essa porcentagem aumenta mais que cinco vezes que o nível estadual. De acordo com os dados disponibilizados pela base do MDS, o PBF, em São Francisco-MG, atinge cerca de 40,5% da população. Nota-se que as políticas públicas, *a priori* compensatórias, funcionam nesse momento na comunidade pesquisada, Sagrada Família, como um mecanismo de garantia e de permanência das famílias no Bairro. Muitos são os homens e mulheres que deixaram de migrar em função dos benefícios dos programas sociais, muitas mulheres migravam com seus companheiros e agora ficam nas comunidades para manterem os filhos na escola, garantindo, assim, o direito aos benefícios dos programas.

Ainda assim, a migração é uma realidade dura no sertão ribeirinho sertanejo, canaviais, produções agrícolas, indústrias de calçados e outras continuam criando rotas para os norte-mineiros. No bairro Sagrada Família as pessoas seguem migrando em grupos, conduzidas pelo moderno encarregado de campo. Rotas, caminhos e destinos fazem o homem ribeirinho sertanejo e vão modificando os lugares, o rural e o urbano.

O município de São Francisco-MG reflete, assim, vários processos estratégicos que seus moradores criam para permanecerem em seu território. A migração temporária tornou-se um dos importantes meios para essas pessoas se sustentarem sem, efetivamente, abandonar seu lugar de origem, ela é uma estratégia de manutenção do território tradicional. Assim como as apropriações do PBF, esta migração tornou-se também uma estratégia de permanência. Mesmo entre o ir e vir da cidade para o campo e do campo para cidade as pessoas procuram se afirmar como tradicionais do lugar.

O cotidiano dos moradores se dá com a manutenção da casa e é permeado pelo sonho do trabalho, posto que o município não absorve a todos

no mercado de trabalho, o que provoca a migração. Os moradores, estão como que à margem da sociedade, de certo modo isolados e distantes dos centros comerciais e urbanos. Os moradores se unem em prol da resistência e a migração se dá enquanto estratégia de manutenção da vida em suas diversas esferas. Essa permanência no Bairro Sagrada Família é intencional, eles querem estar em São Francisco-MG, se pudessem não iriam embora, sequer iriam trabalhar em lavouras tão distantes.

As modificações do campo e da cidade introduzem novas formas de contextualização do campo na cidade, provocando a mobilidade espacial de milhares de famílias que, sem muitas esperanças no campo, seguem para a cidade em busca de algo que não sabem bem onde encontrar, sabem, porém, que não podem aguardar no bairro rural. Incessantemente, permanecem chegando e partindo a procura de trabalho para, de alguma forma, viver. Normalmente, não escolhem ocupações. Assim, o espaço se transforma através da prática dos homens que são totalmente alienadas ao capital, através da ideologia de uma sociedade urbana, mundializada, tecnificada e ilusoriamente “promissora”. (CLEPS; PAULA, 2008, p.02).

A vida, a luta, o estar e o permanecer no lugar fazem parte da história desse mesmo lugar que, como as águas do rio que margeam a comunidade, seguem sendo símbolo de força, de correntenza. O que permanece é o desejo de garantir que seu território abrigue e alimente as gerações futuras, sem que seus direitos sejam violados e sua tradição e cultura desrespeitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como real o fato de que as migrações no Brasil, de uma forma geral, são perpassadas pela ineficácia do poder público em incorporar e/ou gerar empregos no mercado de trabalho, destacando-se o forte viés do descaso, representado pela ausência de políticas públicas locais eficientes que tenham por meta a fixação do homem do campo no seu lugar de origem e de pertencimento, entendemos, assim como Paula (2008), que “as políticas públicas que visam a produtividade, a produção e a rentabilidade da terra e a mercantilização do tempo e espaço não irão rever a miséria do homem rural que quer permanecer rural mesmo quando migra para a cidade”.

Este trabalho não pretende encerrar as possibilidades de desdobramento dos temas aqui abordados, ao contrário, pretende-se que os assuntos organizados no texto sirvam de inspiração para que pesquisas futuras se debrucem sobre as tantas questões latentes no Sertão. Temos consciência de que outros trabalhos, muitos deles aqui mencionados, já teceram importantes considerações sobre o tema. Todavia, entendemos ser necessário insistir em ampliá-lo, trazendo à luz do conhecimento acadêmico o caso do Bairro Rural Sagrada Família, no município de São Francisco, norte de Minas Gerais. Esta é, portanto, nossa modesta contribuição para com os estudos das migrações temporárias e das redes de solidariedade que elas revelam. Trazemos proposições nativas acerca destes fenômenos, proposições estas que nos levam a reflexões sobre as dinâmicas migratórias e atualizam a questão da utilização dos programas sociais como estratégias de manutenção da vida em territórios aos quais os sujeitos sentem-se pertencer.

Estes sujeitos são trabalhadores rurais que vivem o sonho de acesso a um *pedaço de terra* que por sua vez lhes ofereça condições de acessar outros serviços do espaço urbano na condição de cidadãos. Tentou-se agregar elementos que

contemplassem a visão de mundo desse grupo social com vistas a uma reflexão sobre a questão de que mecanismos são apropriados à reprodução de seu modo de vida.

O Sertão e o Rio São Francisco não compõem, simplesmente, um cenário desse lugar no Norte de Minas Gerais: eles são sujeitos da vida dessas pessoas. O que os define não é só o trabalho e as condições econômicas, mas também os vínculos afetivos com o lugar e as relações sociais.

Como foi exposto, a resistência e a luta dos moradores consiste em preservar o lugar do plantio, da pesca, da colheita e, acima de tudo, do convívio com suas famílias. Essa preservação do território se manifesta na manutenção dos costumes, das crenças e dos ritos do povo do lugar. Todavia, é notável a pressão exercida por outros grupos sociais urbanos sobre essa comunidade no sentido de negar-lhes esta sua relação que podemos nomear como territorialidade. Nota-se, ainda, a violação dos seus direitos enquanto moradores que defendem sua ancestralidade e tradicionalidade. Mesmo assim as famílias continuam resistindo na expectativa de manter seu modo de vida. A migração continua sendo uma das estratégias para que o alimento não falte à mesa e para que estas pessoas possam viver em seu território tradicional. Os lugares se dividem para homens e mulheres entre espaços de vida e espaços de trabalho, assim como tempo que se marca pelo antes e depois dos programas sociais de redistribuição de renda. As pessoas dali, todavia, seguem migrando para que possam sempre retornar.

Em grande medida, pode-se argumentar que as estratégias de reprodução social, dos meios de vida, de religiosidade, de pertencimento são, igualmente, mecanismos de resistência à uma lógica perversa.

Ainda que o Bairro Sagrada Família não tenha sido um lugar “planejado” pelos antigos e atuais moradores e sim pela Igreja, através da intercessão de um

padre, o bairro se tornou uma referência de moradia, moradia/morada com todos os seus mais fundamentais significados.

Nesse sentido, tentou-se mostrar a representação do Velho Chico, do sertão molhado/cerrado, do território afetivo, as perdas e ganhos: o que se perdeu e o que se ganhou, posto que não é apenas a questão econômica que define ou redefine o mundo.

Acreditamos, assim, que nosso trabalho pode contribuir com o fomento de políticas públicas que viabilizem a permanência de grupos tradicionais em seus territórios. No caso do Bairro Rural Sagrada família estas políticas públicas são percebidas, muito especialmente, pela manutenção do Programa Bolsa Família. A questão, portanto, demanda soluções de alcance mais amplo e permanente, de modo especial no que tange às novas gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Wanderleide Berto. **Buriti do Meio: Relações de gênero em uma comunidade quilombola**. Montes Claros: Unimontes/Departamento de Política e Ciências Sociais (Monografia de Bacharelado), 2012.

ALMEIDA, M. G; MENDES, G. F. **Memória, símbolos e representações na configuração socioespacial do sertão da Ressaca - Bahia**. *Mercator* - Revista de Geografia da UFC, ano 07, número 13, 2008.

BATISTA, Elicardo Heber Almeida. **“Povos” de Santana: condições de vida e mobilidade espacial no Norte do estado de Minas Gerais**. 2009. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - CPDA/UFRRJ, Rio de Janeiro-RJ.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante/** - São Paulo: Brasiliense, 1999

_____. **A comunidade tradicional**. Relatório final Projeto Opará. Minas Gerais. 2010

BURTON, Richard. **Viagem de Canoa de Sabará ao Oceano Atlântico**. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia. 1977.

CÂNDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1971.

CASTORIADIS, C. A Instituição Imaginária da Sociedade. Tradução por Guy Reynaud. 2.ed., Rio, Paz e Terra. 1986. 418p.

_____. **As Encruzilhadas do Labirinto/2**. Os Domínios do Homem Tradução por José Oscar de Almeida Marques. Rio, Paz e Terra. 1987. 466p.

_____. **Feito e a ser feito**. As encruzilhadas do Labirinto V. Tradução LÍlian do Vale. DP&A Editora. [1997]. 1999, 302p.

CAVALCANTI, Dirce A. **(O Velho Chico, ou a vida é amável**. São Paulo, Ateliê. 1998.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2001.

FERREIRA JUNIOR, Fernando Afonso. **Nonada - o sertão no processo de formação do estado nacional (1822-1862)**. São Paulo: Catálogo USP, 2009.

FILHO, Otaviano de Oliveira.
Resistência identitária: a configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte-mineira no processo histórico de Minas Gerais.
 Acesso em:
http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/resistencia_identitaria.pdf

GODOI, Emília Pietrafesa de. **O trabalho da memória: cotidiano e história no sertão do Piauí.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.

KAGEYAMA, Angela *et al.* **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** In: DELGADO, Guilherme Costa *et al.* (orgs.), *Agricultura e políticas públicas.* Brasília, IPEA, (Série IPEA, 127), 1990, p. 113-223.

LITTLE, P. **“Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: Por uma antropologia da territorialidade”.**Série Antropológica 322. Brasília: UNB, 2002.

LIMA, Eli Napoleão de.. COSTA, Luiz Flávio Carvalho e outros (orgs). **Mundo Rural e Tempo Presente.** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

LIMA, Eli Napoleão e outros (orgs). **De sertões, desertos e espaços incivilizados.** Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001.

LIMA, Natália Fernandes. OLIVEIRA, Manoel N. A. RESENDE, Aline de Jesus. **Estranhos (DES)Encontros: trabalhadores rurais migrantes e educação.** Goiás. 2008. I

MARTINS, José de Souza. **O vôo das Andorinhas: Migrações temporárias,** in: Não há terra para plantar neste verão: o Cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis, Vozes, 1986.

MAZZETTO, Carlos E. Silva . **Territorialidade Camponesa e agronegócio: o sentido e a sustentabilidade dos territórios rurais em questão.** In: Amélia Cristina Alves Bezerra; Cláudio Ubiratan Gonçalves; Flávio Rodrigues do Nascimento; Tadeu Alencar Arrais. (Org.). *Itinerários Geográficos.* 1 ed. Niterói: Ed.UFF, 2007, v. , p. 215-242.

MAYNART, Anette Coeli Neves. **Ribeirinhos da cidade de São Francisco, MG: riqueza do artesanato local e percepção sobre as políticas públicas para sua preservação.** Pesquisa em Debate, edição especial, 2009.

MOURA, Auricharme Cardoso de. **Desenvolvimento social através do terceiro setor na cidade de São Francisco (MG)**. Revista desenvolvimento social nº 7, 2012.

NEVES, Zanoni. **Navegantes da integração: os remeiros do rio São Francisco**. Belo Horizonte, UFMG. 1998.

PALMEIRA, M., LEITE, S. Debates econômicos, **processos sociais e lutas políticas**. In: Costa, L. F.; Santos, R.N. (orgs.) Política e reforma agrária. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

PAULA, Andrea Maria Narciso Rocha de. **Integração dos migrantes no mercado de trabalho em Montes Claros, Norte de Minas Gerais: "A Esperança de Melhoria de Vida"**. 2003. 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2003.

_____. **Viver Sertanejo, criar lugares: diásporas dos sujeitos rurais no Norte de Minas Gerais**. *Geografia* - UFU, Uberlândia, 2009.

_____. **Travessias... Movimentos migratórios em comunidades rurais no Sertão do Norte de Minas Gerais**. 2009. 350 f. Tese (Doutorado em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG. 2009.

_____, et al. **A região Mineira do Nordeste**. XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária. Rio de Janeiro. 2006.

_____, CLEPS, J. **Migrações campo-cidade: os diferentes enfoques interpretativos**. Minas Gerais, 2008.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **As Minas e os Gerais - Breve ensaio sobre desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas**. In: LUZ, Cláudia e DAYRELL, Carlos (Org). Cerrado e Desenvolvimento: Tradição e Atualidade. Goiânia: Agência Ambiental de Goiás, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros rurais paulistas: dinâmica das relações bairro rural-cidade**, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **História dos Gerais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. **Manuelzão e Miguilim**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

RONCARI, Luiz. “**Dez teses para o estudo de Guimarães Rosa**”. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v.15.n.10. p. 243-248, 1º sem. 2002.

ROCHA, Geraldo. **O Rio S. Francisco: Fator precípua da existência do Brasil**. 3rd edition. Brasíliana 184. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.

SALIM, C. A. **As políticas econômica e tecnológica para o desenvolvimento agrário das áreas de cerrados no Brasil: avaliação e perspectivas**. In: *Cadernos de Difusão*. Rio de Janeiro, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço - Técnica e Tempo. Espaço e Emoção**. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica**. *Sociedade e cultural*, 1(1): 19:28, jan/jun. 1998.

SENA, Custódia Selma; SUÁREZ, Mireya. Org. **Sentidos do sertão**. Goiânia: Cãnone editorial, 2011.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Expropriação da terra, violência e migração: camponeses maranhenses no corte da cana em São Paulo**. *Cad. CERU*, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2008. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 maio 2012

SILVA, Valmiro Ferreira. **Uma Enchente, Uma História, Um Povo: A formação do Bairro Sagrada Família Em São Frâncico MG**. São Francisco: 2008. UNIMONTES (monografia).

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar : a perspectiva da experiência**. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

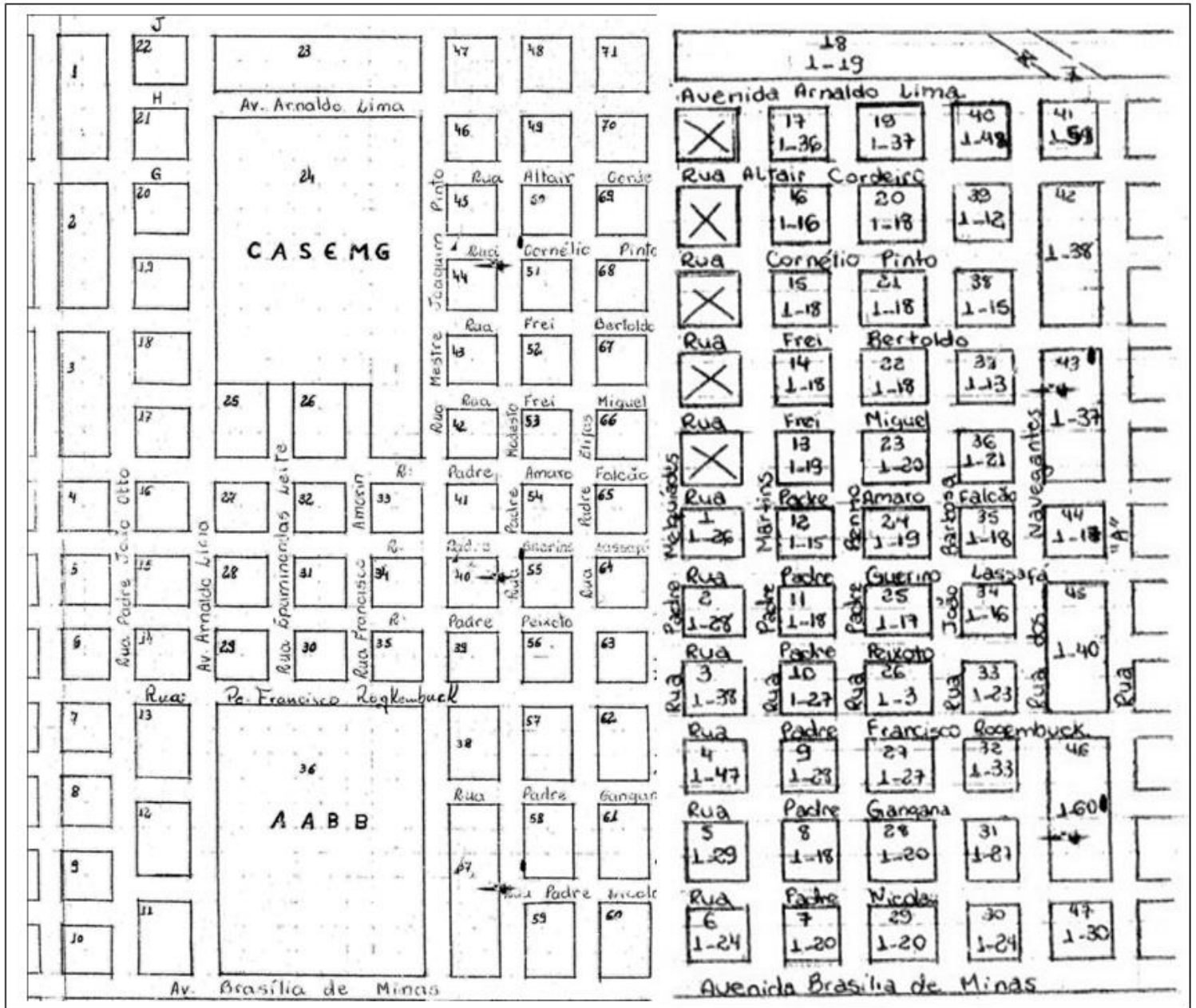
_____. **Topofilia : um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980

1964 A CONSTRUÇÃO INTERROMPIDA. SUDENE, CELSO FURTADO E O GOLPE DE 1964 (ANTONIO HENRIQUE LUCENA SILVA). In: *Cadernos de Desenvolvimento*, 8, Ano 6, RJ (Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento). 2011.

1959 Das ideias à ação, a Sudene de Celso Furtado - oportunidade histórica e resistência conservadora (Renan Cabral). In: Cadernos de Desenvolvimento, 8, Ano 6, RJ (Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento). 2011.

Um cartesiano na encruzilhada da revolução (ANTONIO DE MENDONÇA BERNARDES E MARCOS COSTA LIMA). In: Cadernos de Desenvolvimento, 8, Ano 6, RJ (Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento). 2011.

ANEXO 1 - CROQUI DO BAIRRO SAGRADA FAMÍLIA



CROQUI 1 - Divisão das casas e quarteirões do Bairro Sagrada Família. Fonte: Reconhecimento geográfico/2012 do Centro de Vigilância e Saúde. São Francisco-MG. Adaptado por LUZ, Thaís.